

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE CIÊNCIAS E ENGENHARIA

Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento

WILCER ANDRÉ MARCÓRIO

**REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL: UMA ANÁLISE DE UMA REDE
INTERORGANIZACIONAL NA CADEIA PRODUTIVA DO CACAU NO SUL DA
BAHIA**

TUPÃ

2018

WILCER ANDRÉ MARCÓRIO

**REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL: UMA ANÁLISE DE UMA REDE
INTERORGANIZACIONAL NA CADEIA PRODUTIVA DO CACAU NO SUL DA
BAHIA**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Engenharia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Agronegócio e Desenvolvimento.

Área de concentração: Agronegócio e Desenvolvimento

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Meio Ambiente

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani

Coorientadora: Profa. Dra. Giuliana Aparecida Santini Pigatto

Coorientadora: Profa. Dra. Sandra Mara Schiavi Bankuti

TUPÃ

2018

Ficha catalográfica:

M334r

Marcório, Wilcer André.

Redes sociais e capital social: uma análise de uma rede interorganizacional na cadeia produtiva do cacau no sul da Bahia. / Wilcer André Marcório. – Tupã, 2018.
90 f.

Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Engenharia, Câmpus de Tupã, 2018.

Orientadora: Dra. Ana Elisa Bressan Smith Lourezani.

Coorientadora: Dra. Giuliana Aparecida Santini Pigatto.

Coorientadora: Dra. Sandra Mara Schiavi Bankuti.

1. Redes sociais. 2. Capital social. 3. Cadeia produtiva do cacau. 4. Microrregião Ilhéus-Itabuna. I. Autor. II. Título.

CDD 658

Fonte: Elaborada pela Biblioteca “Elias José Simon” – BUT, bibliotecária Eliana Kátia Pupim, CRB8 -6202.



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL: UMA ANÁLISE DE UMA REDE INTERORGANIZACIONAL NA CADEIA PRODUTIVA DO CACAU NO SUL DA BAHIA

AUTOR: WILCER ANDRÉ MARCÓRIO

ORIENTADORA: ANA ELISA BRESSAN SMITH LOURENZANI

COORDENADORA: SANDRA MARA SCHIAVI BANKUTI

COORDENADORA: GIULIANA APARECIDA SANTINI PIGATTO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em AGRONEGÓCIO E DESENVOLVIMENTO, pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. ANA ELISA BRESSAN SMITH LOURENZANI

Coordenadora do Curso de Administração / Faculdade de Ciências e Engenharia - FCE - UNESP - Tupã/SP

Prof. Dr. NELSON RUSSO DE MORAES

Coordenadora do Curso de Administração / Faculdade de Ciências e Engenharia - FCE - UNESP - Tupã/SP

Profa. Dra. KATIANNY GOMES SANTANA ESTIVAL

Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis / Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC - Ilhéus/BA

Tupã, 26 de abril de 2018

Dedico este trabalho à minha mãe Célia, minha avó Mafalda, minha irmã Vitória e à minha namorada Julia, que estiveram ao meu lado e me apoiaram frente a qualquer dificuldade.

AGREDECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que nos permite interpretar a vida e entender qual o nosso objetivo.

Agradeço imensamente à Prof.^a. Ana Elisa, por sua paciência, dedicação e fé em acreditar em minha capacidade, mesmo quando demonstrei minhas limitações.

Aos Prof. Nelson e Katianny pela sua disposição em participar das bancas de qualificação e defesa, tornando esse processo ainda mais enriquecedor.

Às Prof. Giuliana, pelo convite para participar de seus projetos de pesquisa, fornecendo, assim, os recursos para a realização da pesquisa de campo. À Sandra e novamente à Giuliana por suas valiosas contribuições durante o andamento da pesquisa.

Agradeço também ao Prof. Mário pela dedicação e paciência em me ensinar sobre à análise de redes sociais e como usar o *software* UCINET6.

Agradeço ao Cristiano, Ana Paula, Lanns, Eduardo, Adriana, Tatiane, José Brandt, Ricardo, Neide, e a todas as pessoas que me acolheram durante as pesquisas de campo no sul da Bahia.

Aos Docentes do Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento por compartilhar suas experiências e conhecimentos, fortalecendo meu desenvolvimento pessoal e profissional.

À FCE/UNESP por ter me disponibilizado um ambiente propício, além dos recursos materiais e financeiros necessários para a prática da ciência.

Ao Fábio e ao Marcel da Seção Técnica de Pós-Graduação da FCE/UNESP, por ter sanado todas minhas dúvidas e me alertado sobre prazos e entregas de documentos, sempre com muita educação.

Ao CNPq por ter oferecido, por meio do processo 448771/2014-4, o financiamento necessário para a realização da pesquisa de campo.

Ao meu mentor e colegas do Grupo de Estudos em Democracia e Gestão Social, por compartilhar um espaço de construção do conhecimento e do pensamento crítico.

Aos meus companheiros de república, com quem dividi momentos inesquecíveis durante a graduação e a pós-graduação.

À minha namorada Julia, companheira de todas as horas, serei grato eternamente por me acolher nos períodos de mudança e por me acalmar nos momentos mais difíceis. Essa conquista também é sua!

Por fim, agradeço principalmente à minha família, em especial à minha mãe Célia e minha avó Mafalda, sem vocês eu não conseguiria chegar onde cheguei, eu não seria a pessoa que sou, seria mais um homem com valores comuns. O título não é meu, é de vocês!

“Nem os garotos tocavam nos frutos do cacau. Temiam aquele coco amarelo, de caroços doces, que os trazia presos àquela vida de carne-seca e jaca. O cacau era o grande senhor a quem até o coronel temia”

(Jorge Amado em “Cacau”. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 75).

MARCÓRIO, Wilcer André. **Redes sociais e capital social**: uma análise de uma rede interorganizacional na cadeia produtiva do cacau no sul da Bahia. Tupã: Unesp, 2018. 90 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Engenharia. Tupã, 2018.

RESUMO

O cacau chegou ao estado da Bahia em 1746, mas sua expansão foi marcada a partir de 1820. Entre 1820 e 1985, a cacauicultura baiana evoluiu de modo a ultrapassar os volumes produzidos pelo Amazonas e pelo Pará, e de forma a compor a base da economia do estado. É importante destacar que foi a região Sul da Bahia que contribuiu em grande parte para o crescimento da produção de cacau e, levando em conta suas heranças históricas, culturais, políticas e sociais, a região ficou conhecida como “civilização do cacau”. Após a crise que se iniciou no final da década de 1980, a região sul da Bahia teve como estratégia para a retomada do crescimento a diversificação econômica, em busca de uma dinâmica menos dependente da cadeia produtiva do cacau. No âmbito da atividade cacaueira, os produtores baianos precisaram se reorganizar para prosperar dentro de um novo contexto. A reestruturação da cadeia produtiva do cacau no Sul Baiano reúne alternativas que atribuem um novo significado ao território, buscam novas oportunidades de mercado, a modernização de práticas produtivas e que salientam a importância da mobilização entre atores locais e agentes externos para a formação de redes e novas organizações sociais. Uma rede formada por diferentes atores que fazem parte da cadeia produtiva do cacau de qualidade na microrregião Ilhéus-Itabuna foi escolhida como objeto de estudo. Nesse sentido, ficou estabelecido como problema de pesquisa: Como a organização dos atores em rede pode contribuir para o fortalecimento do capital social na microrregião de Itabuna-Ilhéus? Para responder ao problema central, delimitou-se como objetivo geral: analisar como a organização dos atores em rede tem fortalecido o capital social na microrregião Ilhéus-Itabuna. De forma a responder o questionamento central com maior riqueza de detalhes foram determinados três objetivos específicos: mapear a rede e seus relacionamentos; caracterizar a rede por meio de indicadores e medidas da rede e das organizações; analisar o capital social. A amostra de pesquisa foi selecionada de forma intencional e não probabilística, totalizando nove organizações. A coleta de dados aconteceu em setembro de 2017, por meio da aplicação presencial de formulários estruturados. A análise dos dados sobre a rede e as organizações foi feita pelo *software* UCINET6. Os resultados mostraram que as organizações mais centrais, em termos de confiança, proximidade, controle de informações da rede foram o Instituto Arapyaú, a Associação Cacau Sul Bahia, o CIC e a CEPLAC, cada um atuando em frentes que fomentam tanto a produção como o processamento de cacau de maior qualidade. Percebeu-se na análise do capital social que há um objetivo comum que mobiliza os atores, as ações são recíprocas, mas que laços de amizade já existiam antes da consolidação da rede. Além disso, os resultados apontam os pontos fortes e fracos da rede e das organizações, contribuindo para que elas possam trabalhar para ampliar seu alcance.

Palavras-chave: Redes sociais. Capital Social. Cadeia produtiva do cacau. Microrregião Ilhéus-Itabuna.

MARCÓRIO, Wilcer André. **Social networks and social capital: an analysis of an interorganizational network in the cocoa's production chain in south of Bahia.** Tupã: Unesp, 2017. 90 f. Dissertation (Masters in Agribusiness and Development) – University of the State of São Paulo, School of Science and Engineering. Tupã, 2017.

ABSTRACT

The cocoa, originally found in the Brazilian Amazon region, reached the state of Bahia in 1746, but its expansion succeeded from 1820. Between 1820 and 1985, the Bahian Cacaucultura evolved in order to overcome the volumes produced by Amazonas and Pará, and has composed the basis of the state economy. It is important to highlight that it was the southern region of Bahia which contributed greatly to the growth of cocoa production and, taking into account its historical, cultural, political and social heritage, the region became known as "Cocoa civilization". After the crisis that began in the late 1980, the region has developed a diverse economy, less dependent of the cocoa production chain. The restructuring of the cocoa production chain in Southern Bahia brings together alternatives that attach a new meaning to the territory, they seek new market opportunities, modernizing productive practices and highlighting the importance of mobilizing local actors and external agents for the formation of networks and new social organizations. It was chosen as object of study a network of different actors that are part of the production chain of quality cocoa in the Ilhéus-Itabuna micro-region. In this sense, it was established as a research problem: How can the organization of network actors contribute to the strengthening of social capital in the Itabuna-Ilhéus microregion? The answer to the central problem was delimited as a general objective: to analyze how the organization of the actors in the social capital network in the Ilhéus-Itabuna micro-region. Demand to respond to the central question with greater wealth of information in order to have the determined objectives: to map a network and its relationships; features a network of indicators and measures of the network and organizations; analyze the social capital. The research sample was selected intentionally and non-probabilistic, totaling nine organizations. A survey of data took place in September 2017, through the use of structured market concepts. The analysis of the data on the network and the organizations was made by the software UCINET6, considering the dynamicity of the network, the indicators of centrality of degree, the relation and intermediation of organizations. Already an analysis of social capital occurred through the interpretation of the data based on the basic descriptive statistics, considering the structural, relational and cognitive dimensions of social capital. The results were more than central, in terms of trust, proximity, control of information of the network were the Arapyaú Institute, a Southern Cocoa Association of Bahia, the CIC and a CEPLAC. It was noticed in the analysis of the social capital that it is very common that mobilizes the actors, as the actions are reciprocal, but which are already games of friendship before the consolidation of the network. I could conclude with the study that I would work in network the opportunities of forming a Local Productive Arrangement (APL). In addition, the results are important and weak in the network and organizations.

Key words: Social networks. Social capital. Cocoa's production chain. Ilhéus-Itabuna micro-region.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Alinhamento do objetivo geral, dos objetivos específicos, da abordagem teórica e da metodologia	26
Quadro 2 – Aplicabilidade das teorias institucionais para o estudo dos SAGs.....	28
Quadro 3 – Terminologias, medidas e indicadores das análises de redes sociais	35
Quadro 4 – Dimensões do capital social e seus elementos.....	40
Quadro 5 – Uso do pacote de <i>softwares</i> UCINET6® nas etapas da pesquisa.....	44
Quadro 6 – Aplicação das dimensões do capital social na pesquisa	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipologias estruturais de redes.....	34
Figura 2 – <i>Framework</i> conceitual da estrutura de redes interorganizacionais	36
Figura 3 – Diagrama para estruturação do método científico	41
Figura 4 – Mapa da Microrregião Ilhéus-Itabuna.....	43
Figura 5 – Sociograma que representa a frequência dos relacionamentos na rede interorganizacional.	57
Figura 6 – Sociograma que representa a confiança entre as organizações na rede.	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Produção, importações e exportações (em toneladas) brasileiras de cacau entre 1961 e 2013	15
Gráfico 2 - Produção de amêndoas de cacau em toneladas dos anos de 1974 a 2016 para o Brasil e o estado da Bahia, e de 1990 a 2016 para a Mesorregião Sul Baiana e a Microrregião Ilhéus-Itabuna	19
Gráfico 3 - Área (hectares) destinada à colheita de cacau entre os anos de 1990 e 2016	19
Gráfico 4 - Aspectos de importância atribuídos pelos respondentes aos atores da rede	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Aspectos de importância atribuídos pelos respondentes aos atores da rede.....	53
Tabela 2 – Cenários pessimista, realista e otimista para os graus de densidade das redes formadas a partir das variáveis frequência e confiança.....	60
Tabela 3 – Índice de centralidade de grau das organizações.....	61
Tabela 4 – Índice de centralidade de proximidade das organizações.....	64
Tabela 5 - Índice de centralidade de intermediação das organizações.....	65
Tabela 6 – Aspectos da dimensão estrutural do capital social	69
Tabela 7 – Aspectos da dimensão relacional do capital social da rede	69
Tabela 8 – Aspectos da dimensão cognitiva do capital social.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Aspectos gerais da atividade cacaueteira.....	13
1.2 Justificativa e problematização	22
1.3 Objetivos de pesquisa	24
1.4 Estrutura e desdobramento analítico da dissertação	24
2 REFERENCIAL TEÓRICO: CONTRIBUIÇÕES ACERCA DE AGRONEGÓCIO, REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL	27
2.1 Redes sociais.....	29
2.2 Termos, medidas e indicadores de redes sociais.....	34
2.3 Capital social.....	36
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
3.1 Delimitação geográfica e espacial da pesquisa.....	42
3.2 Delimitação da amostra e das técnicas de coleta de dados	43
3.3 Método utilizado para o mapeamento e análise da rede	44
3.4 Método utilizado para análise do capital social	45
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	46
4.1 Caracterização das organizações que formam a rede	47
4.2 Mapa da rede.....	55
4.3 Indicadores e medidas da rede e das organizações	59
4.2 Análise das dimensões do capital social	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
Referências	76
APÊNDICE I.....	89

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aspectos gerais da atividade cacaeira

O cacau (*Theobroma cacao*) é um produto mundial e popularmente conhecido devido ao uso de seus derivados na indústria de cosméticos, de fármacos e, principalmente, na indústria alimentícia. Entre seus subprodutos mais utilizados nas indústrias supracitadas estão a manteiga, a pasta, o liquor o pó e a torta. Além disso, o farelo e a casca do cacau são subprodutos que podem ser utilizados para alimentação animal, adubação das lavouras, até mesmo na produção de biogás (GONZALEZ et al., 2013). Apesar de o cacau estar associado principalmente à produção de chocolate, existem outras finalidades para o uso da matéria-prima com potencial de mercado, como a fabricação de geleia, vinho, vinagre, suco e derivados para confeitos, doces e sorvetes (CEPLAC, 2017a).

O cacau é o fruto do cacaueiro, uma planta originária da América Central, do sul do México e do norte da América do Sul, especificamente das regiões banhadas pelas bacias do rio Orinoco e Amazonas (ROSÁRIO et al., 1978). Segundo Rocha (2008), o cacaueiro é uma árvore adaptada a ambientes úmidos com temperaturas médias entre 25°C e 27°C, é sensível a temperaturas inferiores a 15°C, além de se desenvolver bem em áreas cobertas por florestas.

A disseminação do cacaueiro por outros continentes aconteceu principalmente por meio de colonizadores espanhóis e portugueses. No século XVI, produtos à base de cacau já eram consumidos pelos europeus, e na segunda metade do século XIX, já havia a ocorrência de cacaueiros no continente africano. O crescimento da produção de cacau na África aconteceu devido à disponibilidade de mão de obra em abundância e de baixo custo, à adequação da cultura ao modo de vida da população local e às condições edafoclimáticas adequadas ao cultivo da planta (ROSÁRIO et al., 1978).

As variedades de cacau existentes no mercado mundial são resultantes do caminho percorrido pelo produto ao longo de sua história. São suas principais variedades: o Forastero, uma espécie natural da América do Sul e que atualmente apresenta as maiores escalas de comercialização; o Criollo, espécie originária da América do Norte, sua qualidade é tida como superior ao Forastero, mas pode ser menos resistente a pragas e doenças; e o Tринitário, uma variedade que surgiu a partir do cruzamento do cacau Forastero e do Criollo, e tem sua nomenclatura associada à existência da espécie em Trинidade (ROSÁRIO et al., 1978; MEDEIROS; LANNES, 2010).

De acordo com dados disponibilizados pela International Cocoa Organization – ICCO, o continente africano concentrou, entre outubro de 2015 e setembro de 2016, 73,4% de todo cacau produzido no mundo. O restante da produção mundial esteve dividido em 16,6% para a América e 10% para a Ásia, mais a Oceania. Nos continentes, os países que mais produziram cacau foram a Costa do Marfim, com 40%; Gana, com 20%; Indonésia, com 8%; Equador, com 6%; Camarões e Nigéria, com 5%, e o Brasil com 4% do volume mundial (ICCO, 2017a).

Potts et al. (2014) apontam que o cacau é uma das únicas *commodities* produzidas quase inteiramente por pequenas propriedades rurais. Além disso, Barrientos e Asenso-Okoyere (2009) caracterizam a cadeia global de valor da matéria-prima pela destinação de grande parte da matéria-prima para a produção de chocolate e pela alta concentração e domínio de empresas processadoras (*grinders*), responsáveis pelo processamento primário do cacau e transformadoras (*branders*), responsáveis pelo processamento secundário do produto.

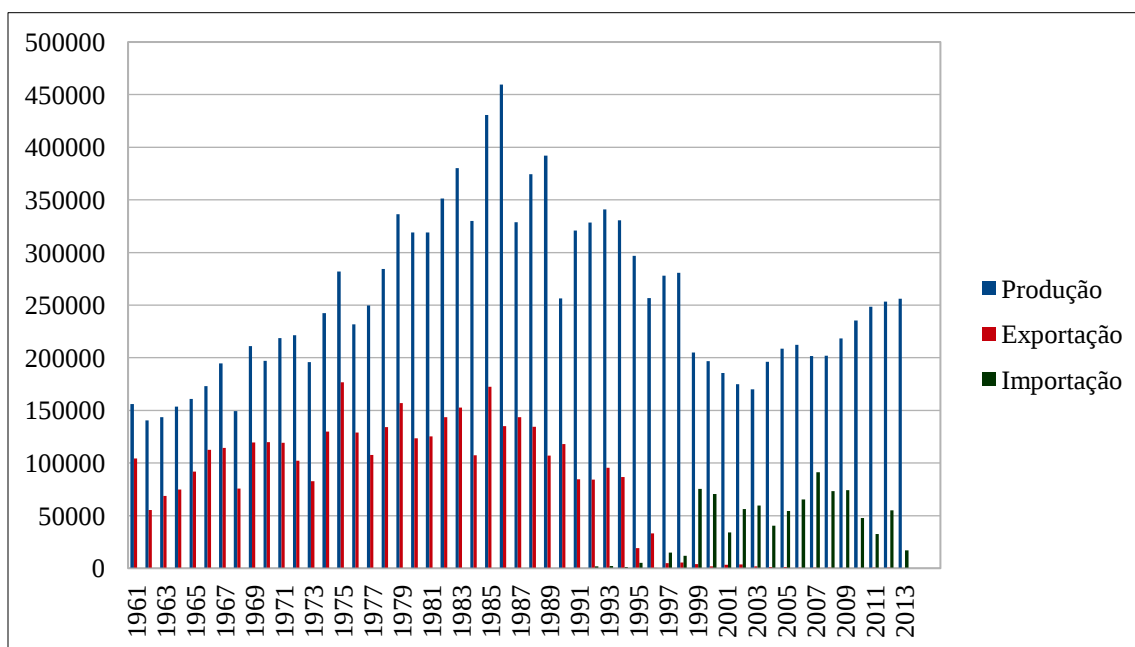
Um estudo realizado pela United Nations Conference on Trade and Development - UNCTAD (2008) demonstra o aspecto da concentração das empresas atuantes no processamento do cacau, afirmando que, em 2005, no mercado internacional dois terços da atividade eram realizados por dez empresas e que apenas três delas concentravam 40% de todo o volume processado. Em termos da distribuição geográfica do processamento, as empresas instaladas no continente europeu concentraram, entre 2015 e 2016, 38,7% do cacau processado, enquanto as companhias da África, América e da Ásia, mais a Oceania processaram, respectivamente, 18,6%, 21,4% e 21,3% do volume total (ICCO, 2017b).

Os países que registraram as maiores porcentagens de cacau processado entre outubro de 2015 e setembro 2016 foram os Países Baixos (13%), a Costa do Marfim (12%), a Alemanha (10%), os Estados Unidos (10%), a Indonésia (9%), Gana (5%), o Brasil (5%) e a Malásia (5%) (ICCO, 2017b). Dentre os países listados, os Estados Unidos contam com três das dez principais fábricas de chocolate do mundo em termos de venda líquida, sendo duas delas as primeiras do *ranking*. As demais empresas estavam localizadas na Suíça, Itália e Luxemburgo, Japão, Argentina e Reino Unido (ICCO, 2017c).

No Brasil, o processamento e a transformação do cacau também são processos controlados por poucas empresas. Segundo Silva et al. (2015), em 2012, 74% da moagem das amêndoas era feita por apenas três empresas. Já no que diz respeito à transformação do cacau, quatro empresas chocolateiras concentraram 82% da participação no mercado de chocolates no ano de 2012 (SILVA et al., 2015).

Apesar de o Brasil estar entre os principais produtores de cacau do mundo entre 2015 e 2016, as empresas processadoras brasileiras importaram 80 mil toneladas da matéria-prima no ano de 2016 (TEIXEIRA, 2016). Contudo, nem sempre o país esteve na condição de importador. Até a década de 1980, a produção e a comercialização brasileira se mantiveram em ascensão, alcançando marcas importantes frente aos demais produtores das Américas e dos demais continentes (ESTIVAL et al., 2014). O Gráfico 1 permite visualizar a evolução da produção, das importações e exportações brasileiras de cacau entre 1961 e 2013.

Gráfico 1 - Produção, importações e exportações (em toneladas) brasileiras de cacau entre 1961 e 2013



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da FAOSTAT (2017a,b)

Para Leiter e Harding (2004), desde a década de 1940 a produção do cacau no Brasil vinha apresentando gargalos, consequência do uso de técnicas tradicionais que levaram ao esgotamento dos nutrientes do solo, do espaçamento inadequado dos cacaueiros, da falta de combate às doenças e da ausência da prática da poda e da capinação. Os autores ainda destacam que antes da década de 1960, o Estado brasileiro ainda não havia direcionado esforços para pesquisas e extensão no sentido de criar espécies híbridas do cacaueiro e tornar possível o aumento da produtividade das lavouras e a lucratividade dos produtores.

A obra de Adonias Filho (2007) reforça as afirmações de Leiter e Harding (2004), pois o autor destaca que após a criação da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira

- CEPLAC, no final da década de 1950, as técnicas de produção do cacau se tornaram mais modernas. Segundo o portal da CEPLAC, o órgão, que é vinculado ao Ministério da Agricultura, surgiu em um período em que a cacauicultura brasileira vivenciava uma situação de crise (CEPLAC, 2017b).

Durante a década de 1970 o setor vivenciou um de seus maiores auge, resultado da combinação de uma alta nos preços e do volume recorde de produção. O período proporcionou “um surto de prosperidade” para a região sul baiana, contudo, muitos produtores não fizeram reservas financeiras, não racionaram a lavoura e deixaram de investir em melhorias gerenciais, em técnicas mais modernas e produtivas para destinar o capital obtido a gastos supérfluos (COUTO, 2000).

Para Couto (2000), a crise da atividade cacauera que teve início na década de 1980 foi desencadeada por uma série de fatores. Ele destaca a influência de condições externas, como os preços baixos pagos aos produtores, o grande volume mundial de amêndoas em estoque, a queda no uso ou substituição do cacau na produção de chocolates e semelhantes, a entrada de concorrentes asiáticos e da Oceania, que contavam com técnicas inovadoras e estratégias para reduzir os custos de produção, além renovação das empresas processadoras e das lavouras da Costa do Marfim. Entre os fatores internos que encadearam a crise, o autor lista as quedas do preço, da produção, do rendimento e da produtividade do trabalho, o perfil conservador dos cacauicultores, as condições climáticas adversas e a deterioração do ecossistema da Mata Atlântica.

Além disso, soma-se aos fatores listados por Couto (2000), a disseminação da doença fúngica conhecida como “vassoura-de-bruxa”¹ no final da década de 1980. Como mostra o documentário “O Nó: ato humano deliberado”, a doença prejudicou principalmente os produtores baianos, uma vez que no estado cerca de 600.000 hectares se tornaram improdutivos, fazendo com que 250.000 trabalhadores ficassem desempregados e 800.000 pessoas migrassem para os centros urbanos (O NÓ..., 2012). Na tentativa de conter os prejuízos e recuperar suas lavouras, os cacauicultores baianos buscaram soluções junto à CEPLAC e realizaram investimentos a partir de financiamentos em bancos públicos para avançar nas respectivas soluções. Contudo, as medidas orientadas pelo órgão não foram suficientes para evitar os efeitos da doença. Com isso, os produtores não obtiveram retorno financeiro para quitar as dívidas com os bancos e muitos ainda continuam em débito com a União (O NÓ..., 2012).

¹ A vassoura-de-bruxa é uma das doenças mais ameaçadoras do cacauero. Original da região amazônica, a doença é causada pelo fungo *Moniliophthora perniciosa* e pode provocar o amadurecimento precoce, a aparição de manchas, a inchação e o apodrecimento dos frutos, e secamento dos ramos (CEPLAC, 2017a).

É importante salientar que a “vassoura-de-bruxa” é uma doença originária da região amazônica e que há suspeitas de que amostras de seus agentes patogênicos foram levadas intencionalmente à Bahia ao final da década de 1980. Esse fato reflete a importância do estado para a cacauicultura brasileira, uma vez que a crise ocasionada pela doença afetou a dinâmica da atividade em todo o país (CALDAS; PERZ, 2013).

O cacau é um fruto originalmente encontrado na região amazônica brasileira e chegou na Bahia em 1746. Apesar disso, a expansão da cacauicultura baiana obteve êxito a partir de 1820, sendo que de 1820 a 1985, a atividade evoluiu de modo a ultrapassar os volumes produzidos pelos estados do Amazonas e pelo Pará, e de forma a compor a base da economia estadual. É importante destacar que foi a região sul da Bahia que contribuiu em grande parte para o crescimento da produção de cacau no estado e, levando em conta as heranças históricas, culturais, políticas e sociais deixadas pela cacauicultura, a região ficou conhecida como “civilização do cacau” (ADONIAS FILHO, 2007).

Segundo Serra e Marinho (2007) e Almeida et al. (2013), o desempenho da economia cacaueira culminou no crescimento econômico do Sul Baiano ao longo das décadas de 1960, 70 e 80, mas não foi suficiente para promover o desenvolvimento da região no longo prazo, uma vez que a exploração econômica baseada na monocultura e uma organização social dos agentes locais marcada pela presença e pelo conflito de elites econômicas e políticas dificultaram a distribuição igualitária dos resultados entre os agentes da cadeia do cacau e reduziram os esforços direcionados ao avanço da atividade.

Após a crise que se iniciou no final da década de 1980 e atravessou os anos de 1990, a região sul da Bahia, assumiu como estratégia para a retomada do seu crescimento, a diversificação econômica, passando assim a ter uma dinâmica menos vinculada à cadeia produtiva do cacau. No mesmo contexto, os produtores baianos precisaram se reorganizar, uma vez que a produção de cacau deixara de ser uma atividade voltada às exportações e passara a integrar a cadeia de abastecimento da indústria nacional de alimentos. Esse processo foi resultado do fenômeno da globalização, o que possibilitou a entrada de investimentos estrangeiros no Brasil e mudanças nos hábitos de consumo da população brasileira (COUTO, 2000).

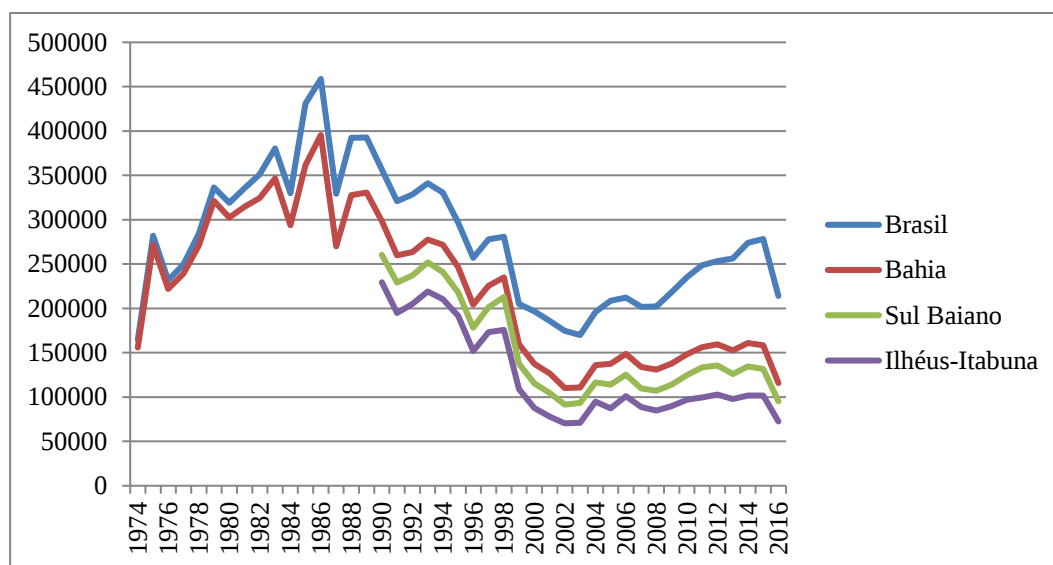
No sentido assim retratado, as contribuições de Saes e Silveira (2014) reforçam o posicionamento de Couto (2000). Para os autores, após a década de 1980 as cadeias produtivas agrícolas brasileiras passaram a obter novas configurações tendo em vista as mudanças nos ambientes institucional, competitivo e estratégico. A abertura do mercado externo sinalizou o fim de restrições quantitativas e qualitativas para as exportações, além de incentivar a entrada

de produtos importados no Brasil. A indústria nacional que antes era protegida pelo Estado passou a competir diretamente com empresas multinacionais e o mercado brasileiro se tornou cada vez mais concentrado. Diante disso, as estratégias no nível organizacional buscaram a redução dos custos, aumento da produtividade, a criação de novos segmentos e a diversificação dos mercados (SAES; SILVEIRA, 2014).

Fontes (2013), em um estudo sobre a dinâmica de pequenas agroindústrias de chocolate no sul da Bahia, destaca que a globalização também encadeou um processo de desenvolvimento com base na valorização das identidades regionais e de comunidades locais. Ainda segundo a autora, a reestruturação da cadeia produtiva do cacau na região sul baiana reúne alternativas que atribuem um novo significado ao território, buscam novas oportunidades de mercado, a modernização de práticas produtivas e que salientem a importância da mobilização entre atores locais e agentes externos para a formação de redes e novas organizações sociais, mesmo que ainda existam resistências para que se permaneça o modelo de produção baseado na monocultura “(...) cujo passado propiciou o isolamento desses atores sociais” (FONTES, 2013, p. 26).

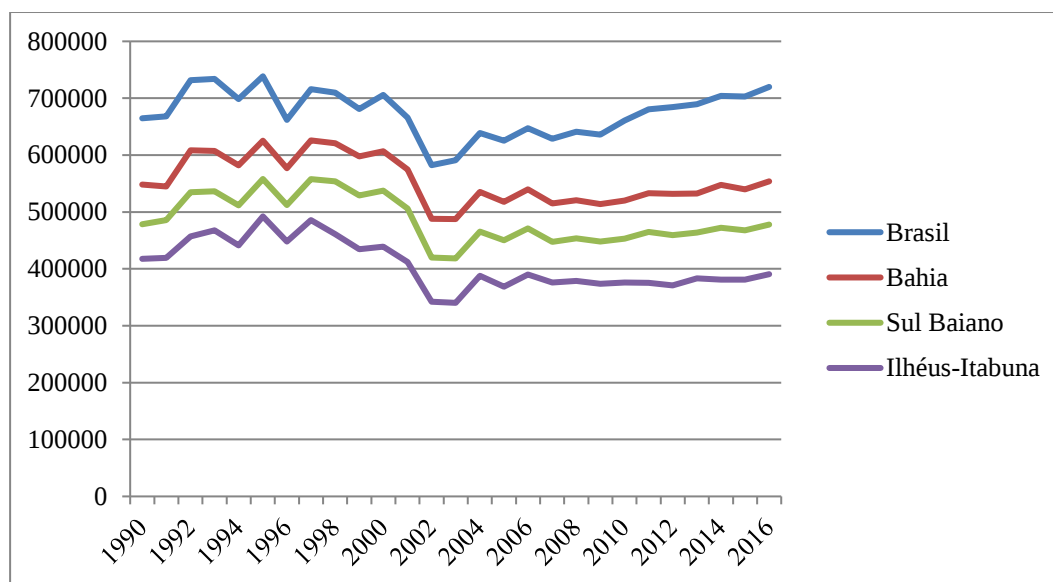
Embora o montante produzido e a área destinada à colheita de cacau tenham diminuído a partir de 1990, como mostram os Gráficos 2 e 3, a atividade cacaueira ainda revela um grande potencial para a região sul da Bahia. Percebe-se uma retomada no crescimento a partir de 2006. De acordo com dados registrados pelo Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), no ano de 2016, o estado da Bahia, a mesorregião Sul Baiana e microrregião Ilhéus-Itabuna foram responsáveis, respectivamente, por 54%, 44% e 34% da produção nacional de cacau. Percebe-se o potencial produtivo da atividade cacaueira na região quando se compara a participação do estado do Pará, segundo maior produtor brasileiro e responsável por 40% do volume produzido no Brasil, em 2016 (SIDRA, 2017a).

Gráfico 2 - Produção de amêndoas de cacau em toneladas dos anos de 1974 a 2016 para o Brasil e o estado da Bahia, e de 1990 a 2016 para a Mesorregião Sul Baiana e a Microrregião Ilhéus-Itabuna



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do SIDRA (2017a)

Gráfico 3 - Área (hectares) destinada à colheita de cacau entre os anos de 1990 e 2016



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do SIDRA (2017a)

O potencial do sul baiano não se traduz apenas no volume de sua produção. Para Segundo et al. (2014) o cacau produzido na região pode se diferenciar no mercado e apresentar um valor superior utilizando a Indicação Geográfica (IG), uma vez sua origem está assimilada a características físico-químicas e histórico-culturais peculiares.

Segundo o texto da Lei 9.279 de 14 de março de 1996, que regula os direitos e obrigações ligados à propriedade industrial no Brasil, a Indicação Geográfica é um mecanismo legal de reconhecimento da origem e procedência de um determinado produto ou serviço. A legislação brasileira admite dois tipos de IG: a Indicação de Procedência (IP), que atribui à IG o nome do local (cidade, território, estado) onde o produto é conhecido por ser produzido/extraído ou pela prestação de um serviço; e a Denominação de Origem (DO), que remete à IG o nome do local que garante características exclusivas a um produto ou serviço, seja por fatores naturais ou humanos (BRASIL, 1996).

Ainda, de acordo com Segundo et al. (2014), a implementação da IG na região pode incentivar os trabalhos em termos de gestão do conhecimento, relações de poder, capital social, criação de redes sociais, sustentabilidade, desenvolvimento rural e a gestão ao nível territorial. A aprovação da IG do cacau do sul da Bahia está publicada no site do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI, 2018), a região passou a ser oficialmente reconhecida em janeiro de 2018 e as amêndoas produzidas podem receber o selo de Indicação de Procedência do Sul da Bahia (FÓRUM DO CACAU, 2018; MERCADO DO CACAU, 2018).

No guia da Indicação Geográfica do Sul da Bahia estão descritas as exigências que os produtores da região devem seguir para utilização do registro de Indicação de Procedência das amêndoas de cacau. Em termos da produção agrícola, os sistemas de plantio devem ser feitos com base em Sistemas Agroflorestais (SAFs)², que compreendem, neste caso, o Cacau-Cabruca³, o consórcio do cacau com a erytrina, seringueira ou outras árvores, desde que o cacau seja o principal cultivo (FERREIRA; SANT'ANA, 2017).

A qualidade das amêndoas certificadas com a IP Sul da Bahia é garantida por um processo de produção que deve respeitar as seguintes regras: seleção dos frutos maduros para a quebra do cacau, transporte da massa úmida de forma imediata para os locais onde o cacau será fermentado, garantia de que 65% das amêndoas sejam totalmente fermentadas e apenas 15% sejam parcialmente fermentadas, garantia de que as amêndoas não ultrapassem 8% do teor de umidade, não adquiram aromas e odores estranhos e estejam acompanhados de matérias estranhas e impurezas, tolerância de que até 3% das amêndoas tenham mofo interno, estejam germinando ou acompanhadas de insetos, e de que no máximo 1% da matéria-prima não esteja fermentada (FERREIRA; SANT'ANA, 2017).

² Consultar Ferreira e Sant'Ana (2017) para compreender as demais regras da IP Sul da Bahia quanto à área das lavouras de cacau, aos percentuais de outras culturas e de floresta exigidos nos SAFs.

³ “Cacau-Cabruca é um sistema ecológico de cultivo agroflorestal. Baseia-se na substituição de estratos florestais por uma cultura de interesse econômico (...) é um termo regional empregado para caracterizar uma forma de plantio de cacauais utilizada pelos colonizadores da região Sudeste da Bahia” (LOBÃO, 2017).

Além da IG, existem outras oportunidades para os produtores de cacau, não só da Bahia, mas de todo o Brasil, em agregar valor ao produto final comercializado e ampliar o acesso a diferentes mercados. São os casos das certificações de sustentabilidade, como o *Rain Forest Alliance* (CONEJERO; PONCE, 2012), certificações de produto orgânico e *Fair Trade* (VEGRO; ASSUMPÇÃO; SILVA, 2014), além da classificação do cacau fino ou de aroma⁴ (ESTIVAL; LAGINESTRA, 2015).

Ainda que sinalizem oportunidades aos produtores brasileiros, a produção do cacau classificado como de qualidade superior pode estar associada a gargalos, como o custo do processo e da mão-de-obra (CONEJERO; PONCE, 2012). Além disso, o volume da matéria-prima produzida com qualidade superior ainda não é muito grande em comparação ao cacau convencional. De acordo com Estival (2013), um estudo realizado pelo setor de Agronegócios da Price Waterhouse Coopers Brasil (PWC), em 2012, mostrou que 97% do cacau produzido no Brasil era convencional, enquanto o cacau fino, orgânico e com certificação de sustentabilidade representavam 3% do volume produzido.

A produção do cacau convencional, considerado uma *commodity* agrícola, torna-se uma opção atraente para os cacauicultores brasileiros em termos de custos, uma vez que os parâmetros de qualidade previstos pelas Instruções Normativas 38/2008 e 57/2008 (BRASIL, 2008) são mínimos em comparação ao cacau classificado como de qualidade. No entanto, o preço pago pelo cacau *commodity* pode se apresentar como uma grande fonte de incerteza para o produtor rural, haja vista que as regulamentações são feitas pela Bolsa de Nova York, dessa forma, os valores estão sujeitos a oscilações ocasionadas pelas especulações do preço futuro cotadas no mercado (MONTE; AMIN, 2006, 2007).

Tendo em vista o cenário apresentado anteriormente, o fato de que a indústria brasileira de processamento do cacau trabalha em capacidade ociosa (CONEJERO; PONCE, 2012) e a necessidade de se importar a matéria-prima da África (TEIXEIRA, 2016), Estival e Laginestra (2015) questionaram se a cacauicultura brasileira deveria suprir o déficit do abastecimento do cacau convencional, cujo mercado de preços estava, aparentemente, em alta, ou optar por investimentos em inovação visando o mercado de qualidade.

De acordo com as reportagens realizadas pela Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG (2016) e pela Sociedade Nacional de Agricultura – SNA (2016), a respeito do conteúdo apresentado no “Fórum Estadão – A Importância do Cacau para a

⁴ A classificação do cacau fino ou de aroma considera propriedades como a cor, o aroma e o sabor. Estas características estão ligadas à variedade da matéria-prima ou ao processo de fermentação das amêndoas (MORORÓ, 2012).

Economia Brasileira”, especialistas e representantes de órgãos ligados à cacauicultura no Brasil discutiam o objetivo do setor em dobrar a produção da amêndoa nos próximos dez anos. Entre os desafios listados pelos participantes do evento estavam questões gerenciais, práticas de combate às doenças do cacaueteiro, assistência técnica, acesso a crédito e o relacionamento dos produtores com os demais elos da cadeia produtiva. Também foram listadas potencialidades da atividade, como a produção do cacau destinado à fabricação de chocolates *premium* e o fato do Brasil ser um dos poucos países que reúne os elos da produção, processamento, pesquisa e consumo.

Percebe-se então, que a retomada de crescimento da produção do cacau brasileiro depende da organização da produção frente às oportunidades de mercado, seja no abastecimento da indústria com as amêndoas produzidas no sistema convencional ou na oferta de amêndoas com qualidade superior. Para isso, é necessária a atuação da indústria de processamento e produção junto aos produtores de cacau, visando a garantia de incentivos e a coordenação da cadeia produtiva, a atuação de órgãos públicos que garantam o acesso a crédito e assistência técnica, e a atuação do terceiro setor no sentido de ampliar o acesso à informação.

1.2 Justificativa e problematização

Percebe-se que após a década de 1980, com as mudanças nos ambientes competitivo, institucional e estratégico do agronegócio brasileiro, ocorreram alterações estruturais na cadeia produtiva do cacau no sul da Bahia. Somam-se a esses fatores uma nova composição dos espaços rurais no Brasil e também na região estudada, em que se inserem novas atividades econômicas além da agricultura, como o turismo e a agregação dos processos de beneficiamento, processamento e transformação dos produtos agropecuários (COUTO FILHO, 2000; FONTES, 2013).

Para compreender essa nova configuração da cadeia produtiva do cacau é necessário que sejam levantadas informações sobre a dinâmica de interação entre os produtores, intermediários, agroindústrias, cooperativas, associações de interesse privado, órgãos de fomento e de pesquisa. No âmbito das pesquisas sobre o agronegócio existe um leque de literaturas que podem embasar os estudos das cadeias produtivas de uma maneira geral. Um aspecto a ser considerado e questionado na escolha por uma abordagem teórica é a linearidade das cadeias, uma vez que há uma busca cada vez maior pela agregação de valor dos produtos agroindustriais, resultando no aumento da complexidade dos processos produtivos, de

transformação da matéria-prima e comercialização do produto final. De acordo com Batalha e Silva (2007), se confirmada esta tendência, a abordagem de redes torna-se mais apropriada para os estudos sobre o agronegócio.

Lazzarini, Chaddad e Cook (2001), em um estudo que propõe a integração das estruturas analíticas de redes sociais e cadeias de suprimentos, sugere o termo *netchain*. Tal conceito compreende ligações horizontais entre os agentes dentro de um segmento específico do agronegócio. Os autores afirmam que as análises de redes compreendem melhor os relacionamentos entre firmas que atuam em um mesmo nível, por isso podem ser um complemento às análises das cadeias de suprimento, que consideram uma ordem sequencial e vertical das relações e transações entre diferentes firmas para a criação de valor. Ainda, segundo os autores, as abordagens utilizadas para as análises de redes sociais têm em comum “(...) a ênfase no papel da estrutura social, nos relacionamentos interpessoais e na posição individual ocupada por um agente na rede – influenciando no comportamento e performance individual ou coletivo” (LAZZARINI; CHADDAD; COOK, 2001, p. 10, tradução nossa).

Para o sociólogo norte americano Mark Granoveter, autor da teoria da imersão social que serve como pano de fundo para os estudos de redes sociais, independentemente das circunstâncias em que diferentes atores se relacionam, sejam situações de ordem econômica ou não, eles estão imersos em contexto social (GRANOVETER, 2007). Na região Sul da Bahia, tendo em vista a necessidade de reestruturação e reorganização da cadeia produtiva do cacau, Fontes (2013) destacou a importância atribuída por atores locais a uma nova organização social que ampliasse a inclusão de agentes externos como pesquisadores e órgãos públicos.

Uma análise da organização social formada a partir das mudanças na cadeia produtiva do cacau não deve se restringir apenas ao mapeamento dos relacionamentos e na caracterização das redes formadas. É importante destacar que a inserção de um indivíduo ou um grupo em uma rede permite o acesso a recursos que, de maneira isolada, seriam mais custosos ou de difícil alcance. Esses recursos são compreendidos por capital social e são traduzidos em forma de “(...) obrigações de reciprocidade, normas e sanções, acesso a informação, redução dos custos de transação, e este por sua vez pode resultar em compromisso e responsabilidade, confiança, maior democracia, inovação e ação coletiva” (BUCIEGA; ESPARCIA, 2013, p. 85, tradução nossa).

Para Buciega e Esparcia (2013), além de se compreender o capital social como um recurso gerado por diferentes redes sociais, deve-se considerá-lo também como um instrumento e não apenas um fim em si mesmo. Ainda, segundo os autores, esses elementos contribuem para entender melhor as dinâmicas do desenvolvimento territorial.

A presente dissertação é um desdobramento de dois projetos de pesquisa, um representado pelo processo 2014/14135-8 da FAPESP e o outro pelo processo 448771/2014-4 do CNPq. O primeiro projeto teve como objetivo analisar se as estruturas de governança estabelecidas na cadeia produtiva do cacau certificado no Brasil, no tocante aos segmentos de produção agrícola e processamento trazem impactos favoráveis à sustentabilidade do sistema em termos econômico e de eficiência das transações, produtivo, ambiental e social, enquanto no segundo projeto objetivou-se analisar a estrutura de governança e as inovações tecnológicas e sociais relacionadas à cadeia produtiva do cacau certificado no Brasil, no tocante aos segmentos de produção agrícola e processamento.

Os resultados dos projetos de pesquisa supracitados permitiram identificar no sul da Bahia a formação de redes que atuam na atividade cacaueira e buscam dar novos direcionamentos ao setor. Dentre essas mobilizações coletivas veio a conhecimento uma rede formada por diferentes organizações com o objetivo de fomentar na região a produção do cacau de qualidade. Entre as organizações encontravam-se associações do terceiro setor e de interesse privado, cooperativas, instituições de ensino superior, instituições de pesquisa e empresas.

Tendo em vista a bibliografia consultada sobre redes sociais e capital social, e das informações oriundas dos resultados dos projetos de pesquisa apresentados anteriormente, ficou estabelecido como problema central da dissertação: Como a organização dos atores em rede pode contribuir para o fortalecimento do capital social na microrregião de Itabuna e Ilhéus?

1.3 Objetivos de pesquisa

Tendo em vista o problema levantado, a presente pesquisa estabeleceu como objetivo geral: analisar como a organização dos atores em rede tem influenciado o capital social na microrregião Ilhéus-Itabuna. De forma a responder o questionamento central com maior riqueza de detalhes foram determinados três objetivos específicos: i) Mapear a rede e seus relacionamentos; ii) Caracterizar a rede por meio de indicadores e medidas da rede e das organizações; iii) Analisar o capital social.

1.4 Estrutura e desdobramento analítico da dissertação

A presente dissertação está estruturada em cinco capítulos: 1. Introdução, 2. Referencial Teórico, 3. Procedimentos Metodológicos, 4. Resultados e Discussão e 5. Considerações Finais. O primeiro tópico trata-se desta introdução geral, em que foram apresentados aspectos gerais da atividade cacaujeira no Brasil e na região delimitada, o problema e os objetivos da pesquisa.

O segundo capítulo traz o referencial teórico desenvolvido durante a pesquisa. A importância do tópico é justificada pelo fato de que foi necessária uma base de referência teórica para definir os procedimentos metodológicos e os meios utilizados para as análises dos resultados da investigação. *A priori*, buscou-se compreender questões conceituais e estruturais sobre redes sociais, apresentar pontos de intersecção entre a abordagem de redes e o capital social, para depois entender os elementos teóricos e as dimensões do capital social.

No terceiro capítulo foram apresentadas, a princípio, a metodologia do conhecimento científico, as técnicas de coleta de dados, a delimitação geográfica e a representação amostral da pesquisa. Em seguida foram introduzidos os métodos utilizados para a tabulação dos dados coletados e para analisar a rede escolhida e o capital social existente.

O capítulo quatro consiste nos resultados da pesquisa e nas discussões sobre as informações levantadas. Primeiramente, foram caracterizadas as organizações que formam a rede e o contexto em que ela foi concebida. Depois foram apresentados dois desenhos da rede, os indicadores da rede e das organizações, e os elementos presentes nas dimensões do capital social. Este tópico faz uma importante leitura sobre a rede, interligando variáveis quantitativas com as informações sobre a atuação das organizações na rede, e como essa dinâmica contribui para a geração de capital social.

No último capítulo foram feitas as considerações finais da pesquisa, o que consiste na representação de um apanhado dos principais pontos observados sobre a resposta dada ao problema investigado, permitindo gerar novos questionamentos para estudos futuros.

O Quadro 1 exemplifica como os objetivos específicos da dissertação estão alinhados com as abordagens teóricas e com os procedimentos metodológicos utilizados. Essa demonstração é importante, pois esclarece a questão que o pesquisador almeja responder, qual seu embasamento e quais ferramentas se predispõem a usar para tal.

A partir da organização proposta pode-se afirmar que a estrutura analítica da presente dissertação tem como seus pilares duas palavras-chave: capital social e redes sociais. Apesar de se considerar neste caso que o capital social é um recurso gerado a partir das interações da rede analisada, não se deve ignorar que o capital social pode ser um catalisador

de interações sociais e de novas organizações sociais, por isso, considera-se com uma finalidade teórico-analítica, que há uma influência mútua entre redes sociais e capital social.

Quadro 1 - Alinhamento do objetivo geral, dos objetivos específicos, da abordagem teórica e da metodologia

Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Abordagem Teórica	Metodologia
Analisar como a organização dos atores em rede tem fortalecido o capital social na microrregião Ilhéus-Itabuna	i) Mapear a rede e seus relacionamentos	Redes Sociais; Análise de Redes Sociais (SNA)	Coleta de dados por meio da aplicação de formulários; Desenho da rede no <i>software</i> NetDraw;
	iii) Caracterizar a rede por meio Indicadores e medidas da rede e das organizações (índices de densidade, proximidade, centralidade e intermediação)		Coleta de dados por meio da aplicação de formulários; Cálculo dos índices no <i>software</i> UCINET
	iii) Analisar o capital social (dimensões estrutural, relacional e cognitiva).	Redes Sociais; Análise de Redes Sociais (SNA) e Capital Social	Coleta de dados por meio da aplicação de formulários; Análise dos dados por meio de estatística descritiva básica.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

2 REFERENCIAL TEÓRICO: CONTRIBUIÇÕES ACERCA DE AGRONEGÓCIO, REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL

Desde 1957, quando os economistas agrícolas John Davis e Ray Goldberg publicaram o livro *The concept of agribusiness*, está repercutida a ideia da agricultura como um negócio e como uma atividade interligada e interdependente entre agentes e processos dentro e fora da porteira (GRYNSZPAN, 2012). Em 1968, Goldberg, em um estudo sobre a cadeia produtiva estadunidense da soja, do trigo e da laranja, fez referência à abordagem da *Commodity System Approach* (CSA), em que destacou o caráter vertical do relacionamento entre os elos de um sistema produtivo e do dinamismo ocasionado pelas mudanças tecnológicas (BATALHA; SILVA, 2007).

Na década de 1960, a escola de economia industrial francesa propagou o conceito de *filière*, também referenciado pelo termo Cadeias Agroalimentares. Desde então, pesquisadores da temática agroindustrial e rural passaram a defender o conceito, por conta da aderência do termo com as temáticas de pesquisa (BATALHA; SILVA, 2007). O enfoque das *filières*, assim como a abordagem da CSA, também considera o caráter de interdependência dos elos de um sistema produtivo e a importância da variável tecnológica, além de compreender tanto as estratégias no âmbito de uma firma quanto as estratégias no âmbito de um sistema (ZYLBERSZTAJN, 2000).

Um dos fatores que diferencia a abordagem norte-americana da francesa é o ponto de partida das análises. Enquanto os estudos das *filières* geralmente partem do produto final para a matéria-prima, a *Commodity System Approach* segue a direção inversa, partindo da matéria-prima para o produto final (BATALHA; SILVA, 2007). Souza e Avelhan (2009) destacam que a CSA dá ênfase na coordenação dos sistemas agroindustriais, enquanto o enfoque das *filières* disserta sobre as relações tecnológicas dos agentes.

Embora existam diferenças, as contribuições de ambas as linhas de pensamento se complementam na compreensão das relações dos sistemas agroindustriais – SAGs (SOUZA; AVELHAN, 2009). Nesse sentido, dentro do contexto dos estudos sobre o agronegócio, os SAGs são entendidos como sistemas em que há uma ligação de interdependência entre fornecedores de insumos, produtores, agroindústrias, agentes intermediários, atacadistas, varejistas e os consumidores. Esses sistemas também são caracterizados por receberem constante influência do ambiente institucional, que diz respeito às normas, regras, costumes e leis, e do ambiente organizacional, que diz respeito às entidades de apoio financeiro, associações e órgãos de pesquisa, dentre outros (ZYLBERSZTAJN, 1995, 2000).

Barra e Ladeira (2016), em uma pesquisa sobre abordagens teóricas ligadas a estudos do agronegócio do café, destacam que os SAGs podem ser analisados a partir de diferentes teorias, como da Nova Economia Institucional (NEI) e sua vertente da Economia dos Custos de Transação (ECT); a partir do Novo Institucionalismo Sociológico (NIS); da Nova Sociologia Econômica (NSE) e a partir desta em conjunto com a teoria do capital social. Para os autores, a escolha pela abordagem vai ao encontro do enfoque da investigação, assim como está exemplificado no Quadro 2.

Quadro 2 – Aplicabilidade das teorias institucionais para o estudo dos SAGs

Teoria/Nível de análise	Objeto de análise	Aplicabilidade para o estudo do SAG
NIS	<i>Embeddedness</i>	Analisar o SAG considerando o compartilhamento das crenças e valores no seu processo de institucionalização (PEREIRA et al., 2006)
NSE	<i>Embeddedness</i>	Analisar o processo de funcionamento do SAG a partir de uma abordagem das redes sociais (WILKINSON, 2002)
NEI	Instituições formais	Analisar o SAG considerando que o ambiente institucional é importante para o desenho das organizações do SAG, principalmente no que diz respeito à capacidade de adaptação (ZYLBERSZTAJN, 1995)
NEI (ECT)	Governança	Permite formular hipóteses a respeito da organização do SAG, com possibilidades de aplicação em sua coordenação (ZYLBERSZTAJN, 1995)

Fonte: Adaptado de BARRA; LADEIRA (2016).

Na perspectiva de Barra e Ladeira (2016, p.164), a conjugação da NSE com a teoria do capital social “(...) proporciona uma complementaridade teórica capaz de gerar uma visão mais abrangente acerca das relações em redes estabelecidas em SAGs de produtos diferenciados, como o café” (BARRA; LADEIRA, 2016). Nesse sentido, tendo em vista que o a presente dissertação tem como objeto de estudo uma rede formada por diferentes organizações da cadeia produtiva do cacau de qualidade, as abordagens teóricas das redes sociais e do capital social também são consideradas aplicáveis, uma vez que o contexto estudado contempla um agrupamento de agentes da cadeia do cacau em uma rede.

Outros autores que aproximaram a abordagem das redes sociais com o enfoque de cadeias produtivas foram Lazzarini, Chaddad e Cook (2001). Neste caso, os autores propuseram a união da abordagem da *Supply Chain Management* - SCM com a abordagem das redes sociais, dando origem ao termo *netchain*. Para eles, as análises de redes compreendem melhor os relacionamentos entre firmas que atuam em um mesmo nível, por isso podem ser um complemento às análises das cadeias de suprimento, que consideram uma ordem sequencial e vertical das relações e transações entre diferentes firmas para a criação de valor. Lazzarini, Chaddad e Cook (2001) também salientam que as abordagens utilizadas para as análises de redes sociais compartilham a valorização do papel das estruturas sociais, ou seja, buscam compreender a posição ocupada por um ator em uma rede e seus relacionamentos interpessoais.

Barra e Ladeira (2016), ao discorrerem sobre a NSE, e Lazzarini, Chaddad e Cook (2001), ao tratarem da análise de redes, fazem referência ao sociólogo Mark Grannoveter e ao termo *embeddedness*. Segundo os autores, as contribuições de Grannoveter são importantes para entender como as relações sociais interferem no comportamento dos agentes econômicos, na construção de laços de confiança, nas transações entre os respectivos agentes e na formação de arranjos institucionais.

As teorias sobre redes sociais entram em convergência com a abordagem do capital social quando o ponto comum são os recursos adquiridos a partir dos relacionamentos dos atores. Esses recursos são listados como confiança, reciprocidade, normas de comportamento, entre outros. Barra e Ladeira (2016), ao tratarem do capital social como atributos associados às estruturas sociais, como as redes, fazem referência a Pierre Bourdieu, James Coleman, Robert Putnam e também Grannoveter.

Diante destas constatações, optou-se por incluir no *framework* teórico da presente dissertação as abordagens da análise de redes sociais e do capital social, de forma a alcançar uma perspectiva interdisciplinar sobre o objeto de estudo e contribuir com o campo de estudos sobre o agronegócio e desenvolvimento.

2.1 Redes sociais

A análise de redes sociais é uma abordagem teórico-metodológica que envolve um conjunto de diferentes disciplinas acadêmicas (HENNENBERG et al., 2009) e oferece recursos para avaliar redes informais por meio do mapeamento dos relacionamentos entre pessoas, grupos, departamentos de uma empresa e até mesmo organizações como um todo (CROSS et al., 2001).

Por mais que a abordagem seja utilizada em campos distintos e interdisciplinares da ciência, sua origem está atrelada ao campo da sociometria (GRANNOVETER, 1973). Para Martes et al. (2006) a análise de redes sociais também tem sua base nos estudos de pesquisadores da Universidade de Manchester e dos estruturalistas da Universidade de Harvard. Molina (2004) demonstra sua perspectiva sobre a evolução da análise de redes sociais, cuja ideia da análise de redes aplicada nos estudos mais recentes é um resultado da soma das contribuições de pesquisadores da escola de Manchester e da sociologia norte-americana (1976), da aplicação da teoria dos grafos na sociologia e antropologia, das aplicações no campo da informática e das ações da Rede Internacional para Análises de Redes Sociais, criada em 1977.

No contexto aqui analisado, tomam-se como referência estudos sobre a análise de redes sociais que estejam relacionados ao campo dos estudos organizacionais. De acordo com Martes et al. (2006, p. 11),

Especificamente no âmbito da teoria das organizações, a perspectiva de redes sociais emergiu no final dos anos 1970, quando autores como Aldrich (1979) e Williamson (1975) passaram a tomar as formas de relacionamento interorganizacional como foco de análise [...]Tomar as redes sociais como foco pressupõe que as próprias organizações e transações econômicas estejam imersas [embedded] em uma rede de relações sociais.

Nesse sentido, torna-se importante compreender o conceito *embeddeness* (traduzido para o português como submersão ou imersão social) desenvolvido por Mark Granovetter e que “(...) expressa uma ação econômica que se desenvolve dentro de uma rede de relações sociais, a partir da qual constitui-se a estrutura social” (LOPES JÚNIOR, 2002, p. 45). O termo surgiu em meio à corrente de pensamento da Nova Sociologia Econômica, em que marcou a incorporação da sociologia às análises econômicas, permitindo reações críticas frente às linhas de pensamento da economia clássica e neoclássica (LOPES JÚNIOR, 2002).

Segundo Granovetter (2007), a análise das redes interpessoais permite criar um equilíbrio entre a visão subsocializada da economia clássica e neoclássica, em que se consideram os atores econômicos como átomos isolados e independentes de uma estrutura social, e da visão supersocializada da sociologia, que parte do princípio de que os atores são fiéis a um roteiro previamente construído a respeito de quais categorias sociais eles devam ocupar.

Esta perspectiva da imersão social permitiu a Granovetter (2007) notar que, num contexto de transações econômicas, as redes de relacionamento interpessoal poderiam contribuir para a manutenção da confiança entre os atores, para a garantia da ordem e evitar ações oportunistas ou baseadas na má-fé. Segundo o autor, não é apenas a proximidade dos

atores sociais que garante os resultados supracitados, mas também a troca de informações sobre a reputação de agentes econômicos que interagem com uma rede.

Em sua obra “A força dos laços fracos”, Grannoveter (1973, p.1360, tradução nossa) sustenta que a análise de redes interpessoais permite ligar de forma mais produtiva as interações em nível macro e micro, e “de um modo ou de outro, é através dessas redes que as interações de pequena escala se transformam em padrões de larga escala, e que estes por sua vez se reconvertem em pequenos grupos”. No mesmo artigo, o autor afirma que uma rede pode ser formada por laços fracos ou fortes e que a força de um laço está ligada a fatores emocionais, ao tempo dos relacionamentos, ao grau de intimidade dos atores e à reciprocidade das trocas. Segundo Pinto e Junqueira (2009), em uma leitura do trabalho de Grannoveter (1973), podem ser considerados laços interpessoais fortes as relações familiares ou de amizade, e laços fracos aqueles formados por associações secundárias.

A força dos laços está ligada ao tipo de conhecimento transferido em uma rede. Como salienta Hansen (1999), os laços fortes possibilitam que conhecimentos mais complexos sejam compartilhados, enquanto nas redes de laços fracos o conhecimento transferido é mais simples.

Outro aspecto importante a ser considerado na análise de redes é a coesão social. Para Schaefer e Kornienko (2009), a coesão de uma rede está correlacionada ao grau de proximidade, harmonia e comprometimento dos relacionamentos existentes. Além disso, eles associam a coesão com percepção dos atores sobre o grau de satisfação ou conflito gerado por uma rede, pois os relacionamentos coesos são construídos à medida que os resultados das trocas são favoráveis aos atores e à medida que eles percebem as relações como forças unificadoras (SCHAEFER; KORNIEENKO, 2009).

De acordo com Reagans e McEvily (2003), a força dos laços e a coesão social são aspectos que estão relacionados e geralmente coexistem em uma rede, por isso a força dos laços por si só é capaz de explicar o potencial da troca de conhecimentos de uma rede, o que geralmente é observado a partir de sua coesão. Apesar disso, os autores colocam que é “difícil determinar se é a força dos laços ou a coesão social a força motriz” de uma rede, e que mesmo que esses aspectos sejam correlacionados, eles representam conceitos distintos (REAGANS; MCEVILY, 2003, p. 241, tradução nossa). Mesmo trazendo à tona a discussão sobre a relação entre a força dos laços e a transferência de conhecimento, Reagans e McEvily (2003) consideram em seu texto, a coesão social e o poder da rede como aspectos chave na troca de conhecimento.

Por mais que redes coesas representam estruturas favoráveis à transferência de conhecimentos complexos, a questão dos buracos estruturais ou *structural holes* discute a relevância das informações geradas a partir delas. Burt (1997) explica que nas redes coesas há uma tendência para que as informações transmitidas sejam redundantes, isso por causa da maior força dos laços que unem os atores sociais, fazendo com que uma informação seja disseminada repetidamente. Segundo o autor, quando há ocorrência de buracos estruturais em uma rede, ou seja, a presença de lacunas nos relacionamentos dos membros de um grupo, a tendência é que as informações não sejam redundantes ou repetitivas, e que um ator se beneficie por assumir papel de intermediação entre aqueles que estão separados pelos “buracos”, passando, assim, a deter maior controle sobre o fluxo informacional.

Cross e Cummings (2004), tomando como base a abordagem de redes sociais para analisar duas organizações e considerando questões como a coesão social e os buracos estruturais, argumentam que tanto as propriedades dos laços quanto as das redes como um todo podem aumentar a qualidade das informações recebidas individualmente e, ao mesmo tempo, melhorar a performance coletiva.

A detenção de poder também é um aspecto que pode ser observado em uma rede social. Quando uma rede é classificada como simétrica, não há um polo que concentre um grau de poder diferenciado, ou seja, ambos os atores têm a mesma capacidade de influência. A presença de um ator com mais centralidade e com maior influência sobre os demais, sinaliza que a estrutura tende a ser assimétrica (OLAVE; AMATO NETO, 2001). Para Cross e Thomas (2009), além de possuir um formato simétrico ou assimétrico, as redes podem estar estruturadas em círculo ou em hierarquia, como mostra a Figura 1.

No âmbito dos estudos sobre as organizações, as redes podem ser compreendidas tanto no nível dos relacionamentos entre empresas ou organizações de uma maneira geral, quanto no nível dos relacionamentos internos da empresa. No primeiro caso, as redes são classificadas como interorganizacionais e na segunda situação são classificadas como intraorganizacionais (LAZZARINI, 2008).

Ahuja, Soda e Zaheer (2012), em um estudo que explora a gênese e a dinâmica das redes de organizações explicam que a arquitetura de uma rede deve ser explicada a partir de três fatores: os nós, os laços que ligam os nós e as estruturas ou padrões que são resultados dessas ligações. Os autores também acreditam que a dinâmica de uma rede engloba os recursos e implicações provenientes de mudanças em sua estrutura.

A arquitetura de uma rede pode mudar com a adição ou subtração de um nó, ou com a mudança nas características de um nó – não apenas nas suas

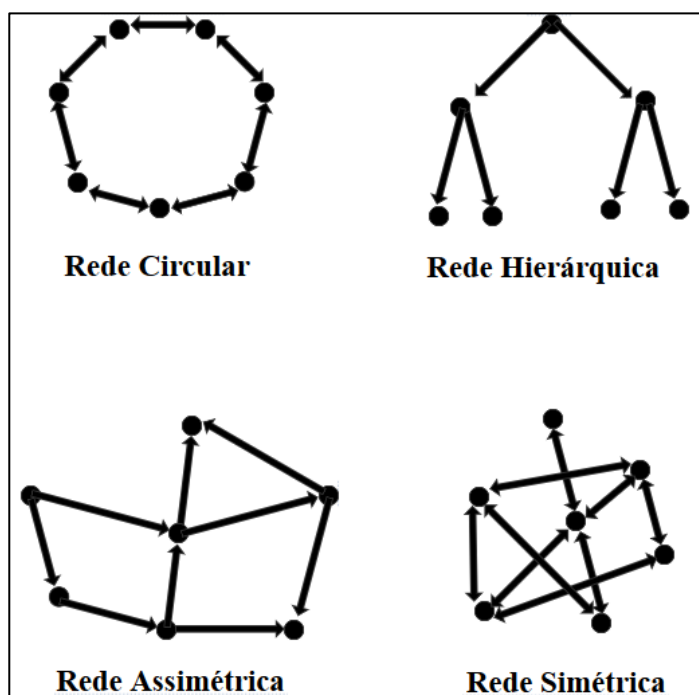
capacidades, mas também quando os laços entre os nós são criados, dissolvidos ou modificados em termos de sua força ou conteúdo (fluxos que passam por eles) (AHUJA; SODA; ZAHEER, 2012, p. 435).

A Figura 1, também mostra como nós e os laços são representados graficamente em uma rede. Na ilustração, os pontos representam os nós e os traços representam os laços. Lazzarini (2008) explica que a posição de um nó ou ator indica o conjunto de relações que ele estabelece com os demais nós ou atores da rede, e que por meio dos laços podem fluir informações, recursos, bens, serviços e contatos.

Por mais que autores como Grandori e Soda (1995) diferenciem as redes sociais das redes burocráticas e proprietárias, pelo fato de que nas redes sociais os laços são vistos como informais e nos demais casos os relacionamentos acontecem através de contratos, Nuhoff-Isakhanyan et al. (2017) consideram, em uma análise da estrutura de uma rede interorganizacional formada em um parque agroindustrial na Holanda, que as redes sociais podem ser formadas por laços informais, formais e de interdependência.

Com o desenvolvimento e a difusão de pacotes de *software* foram facilitados os processos de visualização e exploração das estruturas de redes. De maneira mais recorrente, as redes são representadas graficamente por sociogramas e muitos desses sistemas oferecem recursos para manipular os grafos, permitindo que seja possível visualizar o fluxo dos relacionamentos por meio de setas, a força dos laços através da espessura dos traços e distinguir os atores mudando o formato dos nós (MAKAGON; MCCOWAN; MENCH 2012). Além da representação gráfica das redes, existem vários indicadores que caracterizam sua estrutura, tanto pelo ponto de vista de um indivíduo quanto de grupo ou subgrupo (MOLLO NETO, 2015).

Figura 1 – Tipologias estruturais de redes



Fonte: Adaptado de Molloy Neto (2015)

2.2 Termos, medidas e indicadores de redes sociais

Segundo Wasserman e Faust (1997) *apud* Makagon, McCowan e Mench (2012), a análise de redes sociais é compreendida por cinco princípios e existe uma série de ferramentas quantitativas que medem variáveis derivadas desses princípios em diversos níveis de análise. Para os autores esses princípios incluem:

[...] notoriedade – um indicador de quem está no comando; alcance, um indicador da dimensão da rede de um ator ou nó; coesão – é o agrupamento de atores ou nós de acordo com os relacionamentos fortes em comum; equivalência estrutural – é o agrupamento de atores ou nós de acordo com a similaridade no total de seus ambientes sociais; *brokerage* – indica a ponte entre elementos desconectados em uma rede ou entre redes. (MAKAGON; MCCOWAN; MENCH, 2012, p., tradução nossa).

Para apresentar as medidas derivadas dos princípios citados acima, as informações foram organizadas no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Terminologias, medidas e indicadores das análises de redes sociais

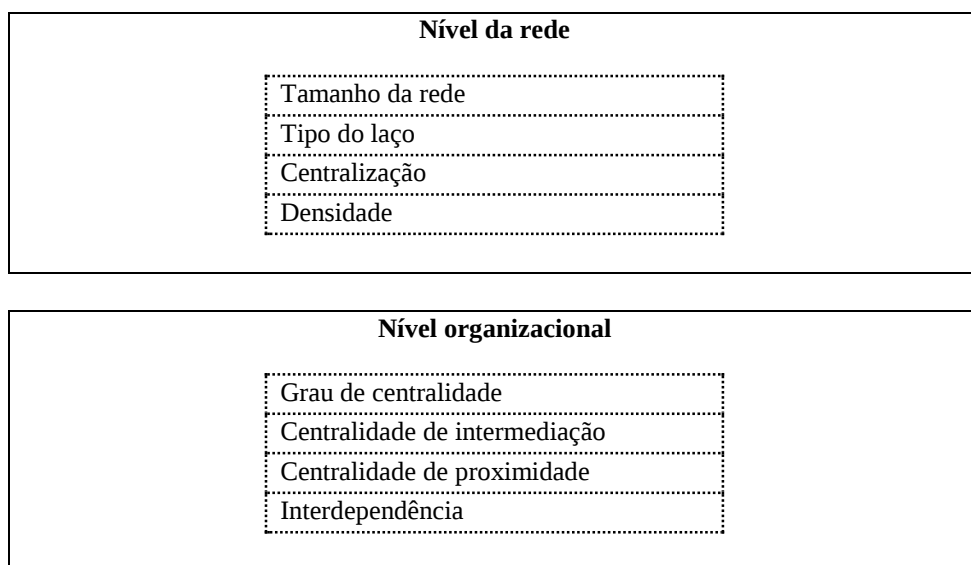
Terminologia	Descrição	Nível de análise
Grau de entrada	Diz respeito ao número de nós de uma rede que se liga a um determinado nó	-
Grau de saída	Diz respeito ao número de ligações que um determinado nó tem com os outros nós da rede	-
Clique	É um subconjunto de uma rede em que alguns nós estão mais próximos e intensamente ligados uns aos outros do que a outros membros da rede	-
Medidas de notoriedade		
Centralidade de grau	Número de ligações diretas de um nó com os outros nós da rede	Individual
Centralização de grau	Variação nas medidas de centralidade de grau dos nós da rede	Rede
Centralidade de autovalor	Uma versão ponderada da centralidade de grau	Individual
Centralidade de proximidade	Soma dos caminhos mais curtos que ligam um nó aos outros nós da rede	Individual
Centralização de proximidade	Variação nas medidas de centralidade de proximidade dos nós da rede	Rede
Centralidade de intermediação	Proporção de caminhos mais curtos entre dois nós quaisquer da rede que passam pelo meio de um nó específico	Individual
Centralização de intermediação	Variação nas medidas de centralidade de intermediação dos nós da rede	Rede
Centralidade de informação	Uma versão ponderada da centralidade de intermediação	Individual
Medidas de alcance		
Alcance	Número de laços que separam um nó específico de outros nós de interesse	Individual
Diâmetro	Maior distância entre dois nós da rede	Rede
Medidas de coesão		
Densidade	Proporção de todas as conexões possíveis presentes na rede	Rede
Reciprocidade	Dimensão dos pares de nós que fazem ligações recíprocas uns com os outros	Rede
Coeficiente de agrupamento	Tendência de grupos de nós de estarem conectados uns com os outros	Rede
Fragmentação	A medida inversa da quantidade de ligações redundantes em uma rede	Rede
<i>Assortativity</i>	Tendência de nós com atributos específicos (sexo, idade) de interagirem uns com os outros	Rede

Fonte: Adaptado de Makagon, McCowan e Mench (2012) com base em Molloy Neto (2015)

Nuhoff-Isakhanyan et al. (2017) consideram que esses indicadores são importantes para compreender a complexidade das estruturas das redes interorganizacionais, pois diferenciam as análises do nível da rede como um todo e do nível das organizações. A exemplo do que mostra o Quadro 4, os autores separaram alguns desses indicadores para cada nível analítico.

Figura 2 – *Framework* conceitual da estrutura de redes interorganizacionais

Dimensões e indicadores para o nível organizacional e o nível da rede



Fonte: Adaptado de Nuhoff-Isakhanyan et al. (2017)

Tão importante quanto compreender a estrutura de uma rede é entender os efeitos ou aquilo que é gerado a partir dos relacionamentos mantidos pelos atores. Para Buciega e Esparcia (2013), a organização de indivíduos em uma rede ou em um grupo permite o acesso a recursos que, isoladamente, seriam mais custos ou de difícil acesso. Os atores ainda destacam que esses recursos são compreendidos por capital social, como discutido a seguir.

2.3 Capital social

A adoção do termo capital social, como se tem feito em diversos campos do conhecimento, aconteceu pela primeira vez em 1916 com as análises de Lyda Judson Hanifan sobre a relação da pobreza com o decréscimo da sociabilidade em centros comunitários de escolas rurais. Durante o século XX, a expressão foi sendo reformulada e utilizada em diferentes contextos, como nos casos do sociólogo canadense John Seeley que, na década de 1950, usou

o capital social para explicar como moradores suburbanos tinham o acesso facilitado a bens e direitos simbólicos por meio do pertencimento a clubes e associações; da norte-americana Jane Jacobs que, nos anos de 1960, adotou o conceito para destacar a importância de redes informais nas grandes cidades; e do economista Gleen Loury e do sociólogo Ivan Light que, na década de 1970, se referiram ao termo “(...) quando analisaram o problema do desenvolvimento econômico em áreas centrais das grandes cidades americanas” (D’ARAÚJO, 2003, p.).

A partir da década de 1980, a expressão ganha um novo sentido e é difundida pelos trabalhos de Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam. Nesse contexto, a confiança, a formação de redes, a coesão social, as normas e instituições aparecem como elementos-chave no uso explícito e implícito do termo (BAQUERO; HAMMES, 2006). O conceito se tornou popular em diferentes disciplinas das ciências sociais, como a sociologia, a economia e as ciências políticas, em que sua aplicação esteve associada a estudos sobre a vida em comunidade, saúde pública, educação, democracia e governança, desenvolvimento econômico, entre outros problemas ligados à ação coletiva (ADLER; KWON, 2002).

Apesar de o capital social ser considerado um conceito unificador por Batt (2008), ele acredita que existem diferenças na forma como o recurso é mensurado e conceitualizado. Tomando com base o relatório publicado pela Organization for Economic Co-operation and Development – OECD (2001), o autor, assim como é feito aqui, considera as quatro diferentes abordagens para o conceito: 1) A partir da literatura antropológica entende-se que o ser humano tem o instinto natural de se relacionar, dessa maneira, acredita-se que há uma base biológica na ordem social e na origem do capital social na natureza humana; 2) A literatura sociológica descreve o capital social como normas sociais e a origem da motivação humana, além de enfatizar as características da organização social, tais como a confiança, normas de reciprocidade e redes de engajamento cívico; 3) No contexto da literatura econômica, presume-se que os indivíduos maximizam sua utilidade pessoal com o objetivo de interagir com outras pessoas e utilizar os recursos do capital social para conduzir atividades coletivas, ou seja, foca nos investimentos estratégicos individuais; 4) Na literatura pertencente ao campo das ciências políticas há uma vertente que enfatiza o papel das normas sociais, políticas e institucionais na formação do comportamento humano.

No âmbito dos estudos sobre as organizações, o termo também foi utilizado com frequência e provou ser um fator de explicação em casos como a construção de carreiras de sucesso, a busca de vagas de emprego, a criação de bancos de recrutamento, a criação de capital intelectual, o fortalecimento de redes de fornecedores e redes de produção local (ADLER; KWON, 2002).

A interpretação do capital social também pode seguir outras duas abordagens teóricas: a primeira linha trata o recurso como um bem individual, capaz de ser acumulado e internalizado por uma pessoa; já a outra abordagem trata o capital social como um elemento pertencente a uma sociedade, comunidade e até mesmo um grupo de trabalho, e deve ser analisado como um bem público, presente nas relações entre grupos ou pessoas. Os autores mais representativos da primeira corrente de pensamento são Bourdieu, Grannoveter e Portes, enquanto a segunda abordagem é representada de maneira mais recorrente por Coleman, Putnam e Fukuyama (VALLEJOS et al., 2008). A presente dissertação considera a segunda vertente teórica do capital social, pois o contexto estudado reflete um cenário em que diferentes organizações se relacionam.

Além dessas duas abordagens, Vallejos et al. (2008) afirmam que o capital social também pode ser analisado a partir de duas unidades: nas relações internas dos grupos e nas relações entre grupos. Para os autores, a primeira unidade aparece em estudos que avaliam o capital social em comunidades e associações, enquanto a segunda unidade é encontrada em estudos sobre a criação de capital social entre países, empresas e outras formas de organização. No caso aqui analisado, considera-se a segunda unidade analítica.

Na concepção de Coleman (1988), o capital social é um recurso produtivo, uma vez que sua ausência impede a realização de determinadas ações. Além disso, o autor considera que o capital social, assim como o capital físico e o humano, não é um bem completamente fungível, mas pode ser considerado um recurso substituível ou desnecessário em distintas situações.

Putnam (2008, p), em sua obra “Comunidade e democracia – a experiência da Itália moderna”, destaca que nas comunidades com um maior estoque de capital social “sob formas de regras de reciprocidade e participação cívica”, há uma tendência para que a cooperação voluntária seja mais fácil. Assim como ilustra o exemplo a seguir, o autor salienta que a cooperação entre diferentes atores também pode acarretar na economia de capital físico:

Numa comunidade rural onde um agricultor ajuda o outro a enfardar o seu feno e onde os implementos agrícolas são reciprocamente emprestados, o capital social permite a cada agricultor realizar o seu trabalho como menos capital físico sob a forma de utensílios e equipamento (PUTNAM, 2008, p.).

A perspectiva de Putnam vai ao encontro do que alguns autores consideram em estudos sobre o desenvolvimento de territórios rurais. A partir do momento em que há o acúmulo de capital social, pode-se dizer que o desenvolvimento de um território não é mais exclusivamente dependente de agentes externos, pois os atores locais, por meio do aumento da frequência de suas interações, empregam as forças coletivas necessárias para o processo de desenvolvimento. Nesse sentido, em conjunto com as forças exógenas, os atores locais

constroem um processo de desenvolvimento de caráter misto, considerando tanto as redes locais quanto as redes que incluem agentes externos (TERLUIN, 2003; ARRETCHE *apud* GUANZIROLI, 2011).

Marteletto e Silva (2004) discutem em sua pesquisa que o capital social pode se enquadrar em três classificações: i) capital social de ligação: quando é considerado um fator de aproximação entre indivíduos de um grupo ou comunidade; ii) capital social de ponte: quando é responsável por romper as barreiras entre diferentes grupos e ampliar o alcance das redes de relacionamento; iii) capital social de conexão: atribui-se situações em que a ligação entre diferentes grupos não é suficiente para a alocação dos recursos necessários para o desenvolvimento de uma comunidade, para isso deve-se estender o alcance da rede de relacionamentos de forma a concretizar uma conexão com indivíduos em posição de autoridade (MARTELETO; SILVA, 2004).

Segundo Nahapiet e Ghoshal (1998), a análise do capital pode ser feita a partir de sua divisão em três dimensões: estrutural, relacional e cognitiva. Os autores reconhecem que esta separação é de caráter analítico e as dimensões destacadas estão altamente interligadas. A primeira das dimensões, a estrutural, faz referência aos padrões dos relacionamentos e conexões e considera medidas como conectividade, densidade e hierarquia. Já a dimensão relacional diz respeito a questões particulares das relações entre as pessoas e que influenciam em seu comportamento, como o respeito, amizade, confiança, identificação, expectativas, obrigações, normas e sanções. A última dimensão apresentada pelos autores engloba a interpretação e o entendimento comum de um ou mais relacionamentos, isso inclui o compartilhamento de narrativas, linguagens e códigos (NAHAPIET; GHOSAL, 1998).

De acordo com Faccin, Genari (2010), as dimensões apresentadas Nahapiet e Ghoshal (1998) podem ser traduzidas em diferentes elementos. A exemplo do que mostra o Quadro 4, os atores organizaram os elementos percebidos com os resultados de sua pesquisa com as contribuições de Nahapiet e Ghosal (1998) e Vallejos et al. (2008).

Nos estudos de Patias et al. (2013), Faccin, Macke e Genari (2013; 2014), as três dimensões de Nahapiet e Ghosal (1998) foram utilizadas para mensurar, respectivamente, o capital social em um arranjo produtivo local do leite no município de Santana do Livramento/RS e o capital social de duas redes colaborativas vitivinícolas da Serra Gaúcha.

Quadro 4 – Dimensões do capital social e seus elementos

Estrutural	Relacional	Cognitiva
Configuração e conexões da rede	Confiança	Códigos e linguagens compartilhados
Engajamento	Normas e sanções	Narrativas compartilhadas
Cooperação	Obrigações e expectativas	Cultura
Laços entre os atores	Identificação social	Valores
Reciprocidade/amizade	Interação entre os atores	Acesso à informação e/ou pessoas
Troca de conhecimentos	Participação e sociabilidade	Objetivos compartilhados
Adequação da organização	Respeito	Socialização
Conectividade	Colaboração	

Fonte: Adaptado de Faccin, Macke e Genari (2013)

Os autores consideraram os elementos das dimensões e para construir as perguntas que foram destinadas às suas amostras de estudo, no caso de Patias et al. (2013) a amostra incluiu produtores de leite vinculados a uma cooperativa e a uma associação, e no caso de Faccin, Macke e Genari (2013; 2014) a amostra compreendeu organizações ligadas às redes supracitadas. Em ambas as pesquisas, as análises do capital social foram feitas com base em indicadores estatísticos das respostas, como a média, moda, mediana, cargas fatoriais, desvio-padrão e o coeficiente de variância.

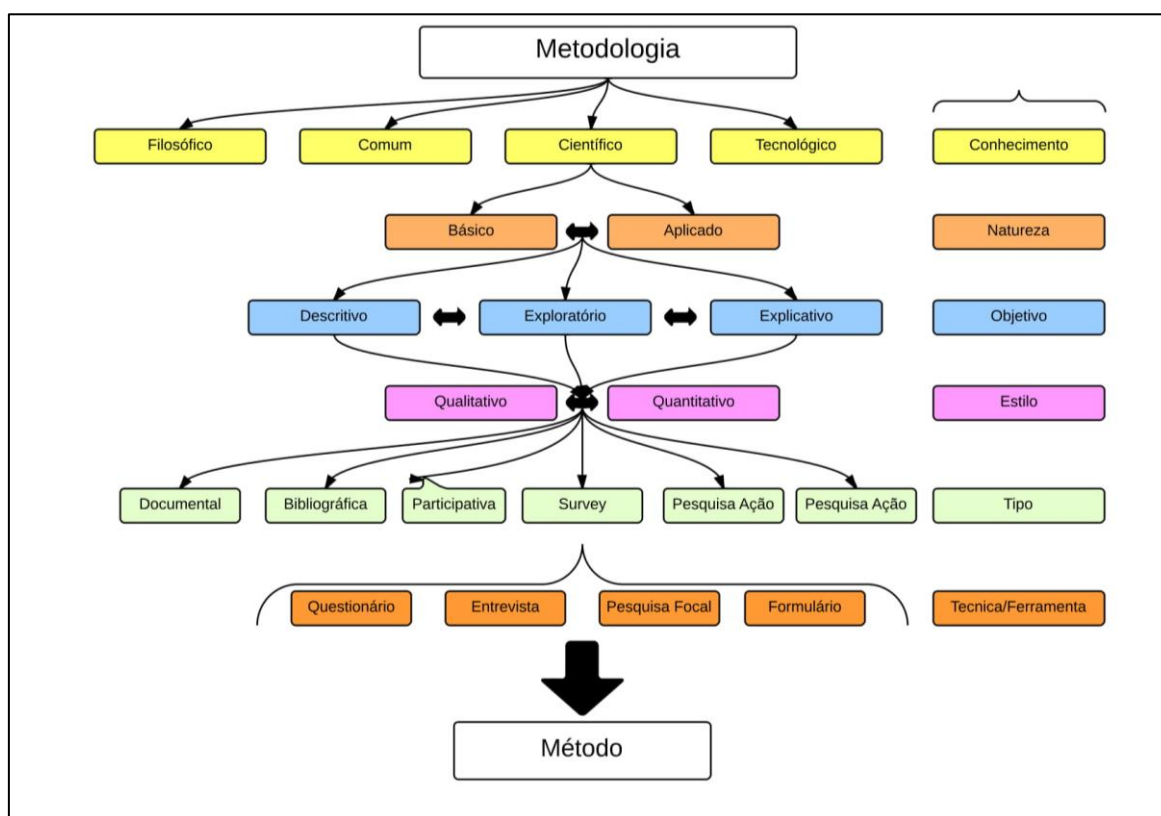
Estes estudos são exemplos de como a teoria capital social pode ser aplicada em pesquisas sobre o agronegócio brasileiro, bem como em situações em que se analisam ações coletivas de produtores e organizações. Por essa aderência temática e conceitual, as análises do capital social na presente dissertação seguem a linha de pensamento de Nahapiet e Ghosal (1998), sem deixar de considerar as contribuições de Coleman (1988), Putnam (2008), Granoveter (2007) e Marteleto e Silva (2004), uma vez que as dimensões do capital social compreendem elementos discutidos pelos autores supracitados, como a confiança, respeito, reciprocidade, e também é importante entender de forma o capital social funciona como elo de ligação entre os atores da rede e grupos externos à ela.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É importante entender que o estudo da metodologia compreende a avaliação de um conjunto de caminhos ou procedimentos utilizados para o alcance do conhecimento (VILELAS, 2017). São justamente esses procedimentos que diferenciam um conhecimento popular ou comum do conhecimento de cunho científico, haja vista que a ciência é provida de racionalidade e é transmitida por meio de um treinamento apropriado (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Como mostra a Figura 2, para que a metodologia do conhecimento científico se consolide em um método de pesquisa, sua estruturação deve estar dividida em etapas, como a delimitação da natureza da pesquisa, da definição de seu objetivo, estilo e tipo, além da escolha das técnicas e ferramentas de coleta de dados.

Figura 3 – Diagrama para estruturação do método científico



Fonte: BERNARDO; SATOLO (2016)

A natureza de uma pesquisa pode ser básica ou aplicada. No primeiro caso, os interesses de um pesquisador são universais e o objetivo é gerar um novo conhecimento que não exija uma aplicação prévia. Já no segundo caso, o objetivo é conceber conhecimentos destinados à aplicação prática e direcionados à solução de problemas específicos (SILVEIRA;

CÓRDOVA, 2009). A presente dissertação é de natureza aplicada, uma vez que são replicados conhecimentos desenvolvidos previamente com finalidade de responder a um problema específico e não universal.

No que diz respeito ao objetivo da pesquisa, esta investigação enquadra-se no nível descritivo, por buscar primordialmente “(...) a descrição das características de determinada população ou fenômeno e o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28). Nesse sentido, foi feita a combinação das abordagens qualitativa e quantitativa, de forma que a contextualização do fenômeno estudado pudesse ser desenvolvida com o aporte de técnicas de coleta e interpretação de dados menos suscetíveis a desvios de finalidade (MARTINS, 2010).

Após a definição do objetivo e estilo da pesquisa, optou-se por adotar o tipo da pesquisa de campo. Na percepção de Marconi e Lakatos (2010), a pesquisa de campo é utilizada para buscar informações ou conhecimentos sobre um determinado problema, ou também para conhecer novos fenômenos e como eles se relacionam. Ainda, segundo os autores, a pesquisa de campo exige um levantamento bibliográfico minucioso e pode ser adotada em estudos descritivos sobre uma população, aqui representada por um conjunto de organizações, de forma a caracterizar com elementos quantitativos e qualitativos o comportamento das respectivas populações.

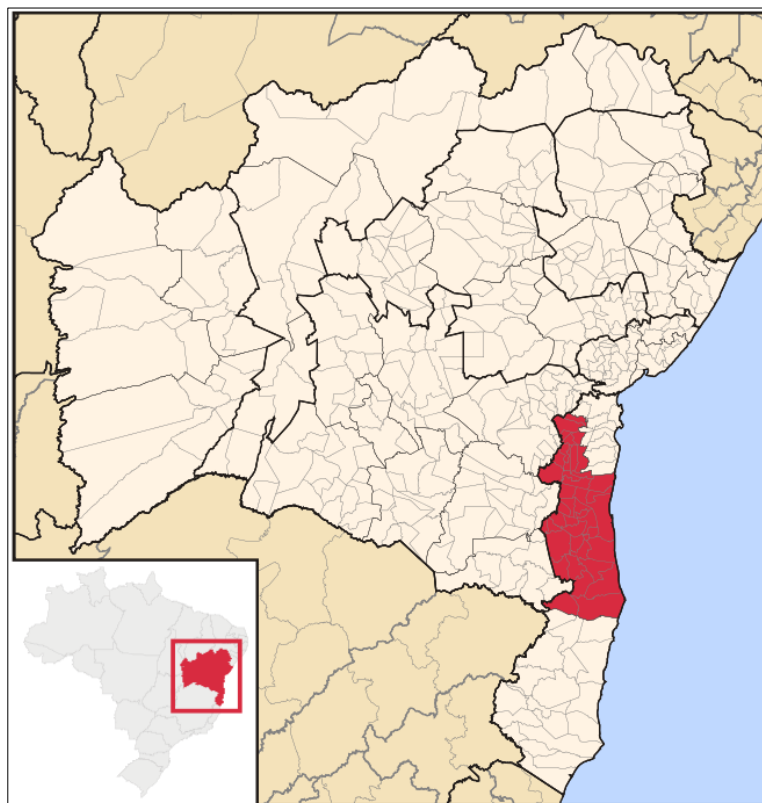
Além das etapas descritas anteriormente, os procedimentos metodológicos também consideraram a delimitação geográfica e espacial da pesquisa, a seleção amostral, a tabulação, análise e interpretação dos dados. Estes procedimentos são apresentados com maior riqueza de detalhes nos tópicos a seguir.

3.1 Delimitação geográfica e espacial da pesquisa

O recorte espacial da presente dissertação tem como base as delimitações feitas pela Divisão Regional do Brasil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE⁵, sendo a Microrregião Ilhéus-Itabuna o foco de pesquisa. Como mostra a Figura 2, a região compreende um conjunto de cidades localizadas no sul do Estado da Bahia.

⁵ Em 2017, o IBGE alterou a subdivisão regional dos estados brasileiros de Mesorregiões e Microrregiões Geográficas para Regiões Intermediárias e Regiões Imediatas, respectivamente. A mudança não consiste apenas na nomenclatura, mas também no número de municípios que passam a compor as regiões (IBGE, 2017). Optou-se por adotar antiga divisão, porque os dados referentes à quantidade produzida e a área colhida de cacau ainda não foram atualizados para o recorte regional mais recente.

Figura 4 – Mapa da Microrregião Ilhéus-Itabuna



Fonte: ABREU (2006)

A subdivisão regional é composta por 41 municípios, possui uma área total de 21.265,6 km² e sua população está estimada em 1.081.803 habitantes. São os municípios que compõem a microrregião: Itabuna, Ilhéus, Ipiaú, Canavieiras, Camacan, Gandu, Ubatã, Itacaré, Ibicaraí, Una, Ibirapitanga, Wenceslau Guimarães, Belmonte, Itajuípe, Coaraci, Ubaitaba, Uruçuca, Ibirataia, Buerarema, Itagibá, Teolândia, Mascote, Aurelino Leal, Santa Luzia, Itapé, Pau Brasil, Floresta Azul, Itapebi, Arataca, Itapitanga, Gongogi, Itamari, Itaju do Colônia, Santa Cruz da Vitória, Nova Ibiá, Jussari, Barro Preto, Almadina, Barra da Rocha, São José da Vitória, Firmino Alves (SIDRA, 2017b, 2017c).

3.2 Delimitação da amostra e das técnicas de coleta de dados

A seleção da amostra aconteceu de forma intencional e não probabilística, seguindo informações apontadas por pesquisadores envolvidos nos projetos de pesquisa e também pelos próprios respondentes ao longo da pesquisa de campo. É válido ressaltar que nem todos os atores indicados responderam o formulário, uma vez que houve limitações relacionadas ao tempo disponível e à localização dos mesmos.

A coleta de dados aconteceu em setembro de 2017, totalizando cinco dias de visitas nos municípios de Ilhéus, Itabuna e Gandu. Ao todo foram consultadas nove organizações, cada uma representada por, pelo menos, um de seus membros. A caracterização dos sujeitos da pesquisa está disposta nos resultados. A coleta dos dados foi feita por meio da aplicação de um formulário, disposto no Apêndice I, além do processo de observação assistemática. Caracterizada por não exigir um planejamento e controle prévio, a observação assistemática ou não estruturada foi utilizada neste caso como complemento aos formulários, já que a técnica permite a coleta e o registro de fatos sem que sejam feitas perguntas diretas aos entrevistados (MARCONI; LAKATOS, 2011).

3.3 Método utilizado para o mapeamento e análise da rede

Para realizar o mapeamento dos relacionamentos da rede, os dados coletados a partir do formulário foram lançados no *software* UCINET®, programa capaz de gerar sociogramas (representação gráfica da arquitetura de redes sociais) e realizar o cálculo dos indicadores e medidas de redes sociais (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002; FERREIRA et al., 2014).

Dentro do pacote oferecido pelo UCINET® existem diferentes *softwares* que são responsáveis por funções distintas, como mapear a rede e realizar os cálculos descritos anteriormente. O Quadro 5 mostra os indicadores de redes sociais delimitados para a pesquisa e como o UCINET® foi utilizado na presente dissertação.

Quadro 5 – Uso do pacote de *softwares* UCINET6® nas etapas da pesquisa

Etapas da pesquisa	Objetivo	Software do pacote UCINET
Mapeamento da rede	Desenhar a rede de forma a apresentar a disposição dos atores e seus relacionamentos	NetDraw®
Cálculo da densidade da rede	Medir o grau em que os atores interagem uns com os outros	Ucinet6®
Cálculo da centralidade de grau dos atores	Identificar o número de conexões diretas que um ator tem com os outros nós da rede	Ucinet6®
Cálculo da centralidade de proximidade dos atores	Identificar a capacidade de um ator em alcançar todos os nós da rede	Ucinet6®
Cálculo da centralidade de intermediação dos atores	Identificar a possibilidade que um ator tem para intermediar dois atores da rede	Ucinet6®

Fonte: Elaborado pelo próprio autor com base em Molloy Neto (2015)

A análise e interpretação dos dados foram feitas com base no referencial teórico sobre redes sociais e em informações levantadas sobre a atuação de cada organização na rede.

Esta etapa da metodologia também contribuiu para as análises do capital social da rede, como descrito na etapa a seguir.

3.4 Método utilizado para análise do capital social

Para analisar o capital social da rede foram levadas em consideração as três dimensões destacadas por Nahapiet e Ghoshal (1998): estrutural, relacional e cognitiva. Tomou-se como base para essa escolha os estudos de Faccin, Macke e Genari (2013) e Patias et al. (2013). Os trabalhos têm aderência com a temática do agronegócio e realizam uma análise em um contexto de interação entre diferentes organizações e produtores rurais.

O Quadro 6 mostra os objetivos que nortearam o uso das dimensões do capital social na pesquisa e as técnicas adotadas para a análise de cada dimensão.

As questões utilizadas para coleta de dados sobre o capital social são adaptações de pontos discutidos pelos autores supracitados. Diferente das análises de Patias et al. (2013) e Faccin, Macke e Genari (2013), buscou-se analisar os resultados por meio de técnicas de estatística descritiva básica ao invés de calcular métricas como a média, mediana, desvio-padrão e covariância das respostas.

Quadro 6 – Aplicação das dimensões do capital social na pesquisa

Dimensão	Objetivo	Forma de análise
Estrutural	Analisar os relacionamentos da rede, identificando elementos como a hierarquia e relações de poder, e como isso interfere no funcionamento da estrutura como um todo	Índices das organizações e da rede; estatística descritiva básica
Relacional	Analisar questões específicas sobre os relacionamentos, como a presença da amizade, respeito, identificação, reciprocidade e cooperação	Estatística descritiva básica
Cognitiva	Analisar se os atores têm a mesma percepção sobre as atividades os objetivos da rede	Estatística descritiva básica

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Nahapiet e Ghoshal (1998), Faccin, Macke e Genari (2013), e Patias et al. (2013)

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das informações levantadas foi possível entender que após as crises das décadas de 1980 e 1990 a atividade cacaeira no Sul Bahia demandou novos direcionamentos que resultaram em formas de produção e comercialização alternativas aos modelos tradicionais focados no cacau *commodity*. Nesse sentido, durante um período, atores locais buscaram alternativas para o setor, porém de forma isolada e com pouco alinhamento. Com o passar do tempo, alguns grupos passaram a atuar em sintonia e a mapear ações que poderiam envolver um número maior de atores e ser aplicadas em nível regional.

Dentre essas ações, as organizações do setor e produtores têm atuado no fomento à produção e comercialização das amêndoas que levam o selo de Indicação de Procedência (IP) do Sul da Bahia, do cacau orgânico, dos sistemas de produção que utilizam um manejo mais sustentável e que se vinculam a mecanismos de comércio justo. Também são encontrados produtores de cacau e outros agentes locais que fabricam chocolates com marcas próprias, o que também gerou uma mobilização para fomento da produção do cacau de “qualidade superior”.

Nesse contexto, a rede em análise permite a aproximação de organizações com *expertises* diferentes, como associações do terceiro setor e de interesse privado, cooperativas, institutos de pesquisa, instituições de ensino superior, federações estaduais e órgãos de gestão pública, possibilitando a troca de informações importantes não só para o desenvolvimento da cadeia produtiva do cacau por meio de novas ações, mas também para o desenvolvimento da microrregião Ilhéus-Itabuna e seu entorno.

A rede em questão é de caráter informal, ou seja, não é uma organização formalizada por meio de um contrato e não estabelece compromissos lavrados por uma assembleia ou comitê. Além disso, ela não contempla apenas um dos segmentos relacionados ao cacau caracterizado como de “qualidade”, mas sim diferentes ações que culminam na mobilização de atores distintos para o fomento à qualidade do cacau e do chocolate na microrregião de Itabuna e Ilhéus. Apesar disso, notou-se que o processo para a obtenção da IP do Sul da Bahia e os trabalhos para enquadrar os produtores regionais nos requisitos da IG eram as ações que mais mobilizavam os atores da rede.

Para que esse contexto seja mais bem compreendido, optou-se por dividir os resultados da pesquisa em quatro seções, sendo uma referente à caracterização das organizações formadoras da rede, à apresentação do mapa dos relacionamentos da rede, análise dos indicadores da rede e por fim, uma análise do capital social e suas dimensões.

4.1 Caracterização das organizações que formam a rede

Como foi ressaltado anteriormente, a rede é formada por diferentes organizações, entre elas estão associações do terceiro setor e de interesse privado, cooperativas, institutos de pesquisa, instituições de ensino superior, federações estaduais e órgãos de gestão pública. Contudo, nem todas as organizações dispostas na rede foram consultadas, por isso, este tópico abrange, a princípio, a caracterização das entidades cujos representantes responderam ao formulário, e a *posteriori*, as entidades listadas durante a coleta de dados, mas que não participaram das pesquisa de campo.

Abaixo segue a lista das organizações cujos representantes responderam ao formulário, os fatores que motivaram sua inserção na rede, sua atuação e o que esperam dos trabalhos em conjunto:

- Associação Cacau Sul Bahia: criada em 2015, a associação do terceiro setor é formada por outras associações, instituições setoriais e cooperativas e representa cerca de 3000 produtores rurais, consistindo numa organização representativa da coletividade. Seu objetivo é implementar a IP do Sul da Bahia, além de oferecer visibilidade aos produtos certificados e aos benefícios agregados. O que motiva a organização a participar da rede é o trabalho em torno da IP, pois segundo seu representante, não existe Indicação Geográfica sem trabalho em rede. A associação atua como um dos principais articuladores da rede e espera fortalecer e garantir uma melhor organização da cadeia do cacau e do chocolate;
- Associação dos Produtores de Chocolate de Origem do Sul da Bahia – CHOCOSULBA: a associação surgiu com intuito de normalizar os padrões de produção de chocolate de origem no Sul da Bahia, uma vez que novos produtores entravam no mercado e não havia regulamentação para a atividade. O que levou a associação a participar da rede foi a necessidade de representatividade nas esferas públicas, na organização do setor, na busca por novas tecnologias e no fortalecimento do associativismo. Na rede a organização direciona algumas ações para os outros atores e aponta direções do mercado de chocolates de origem, além de esperar que os trabalhos conjuntos possibilitem o desenvolvimento da região, principalmente na geração de empregos, e que os associados recebam apoio comercial;

- Instituto Biofábrica de Cacau: inaugurada em 1997, a Biofábrica é uma Organização Social ligada ao Governo do Estado da Bahia e atualmente é considerada o maior viveiro de mudas e clones de cacau da América do Sul. Segundo seu representante, a atuação do Instituto na rede é difundir tecnologia e inovação, por isso ele espera incentivar que os produtores tenham seus próprios viveiros e, futuramente, possam formar uma rede autônoma de mudas e sementes de cacau;
- Centro de Inovação do Cacau – CIC: criado em 2016, o CIC é uma empresa privada sem fins lucrativos que está vinculada ao Parque Tecnológico do Sul da Bahia e localizada em um prédio da Universidade Estadual de Santa Cruz. A empresa tem como público-alvo pequenos, médios e grandes produtores de cacau, e estão entre suas principais atividades a realização de testes de corte, de análises físico-química e sensoriais das amêndoas, de forma a emitir um laudo completo ao produtor, além de oferecer o serviço em consultoria de boas práticas de manejo, colheita, fermentação, secagem e armazenamento. Por meio de sua atuação, o CIC se torna um importante banco de dados sobre a matéria-prima produzida no Sul da Bahia, o que faz da organização uma ponte entre os produtores e compradores. De acordo com sua representante, a empresa espera que os trabalhos em rede possam aumentar o número de produtores de cacau de qualidade, além de atrair o mercado de qualidade para o Brasil;
- Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira – CEPLAC, Superintendência de Desenvolvimento da Região Cacaueira do Estado da Bahia: o órgão de pesquisa e extensão foi criado em 1957, está vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e atua no Estado da Bahia como um agente de geração, difusão e transferência de tecnologia para a atividade cacaueira (CEPLAC, 2017). A organização possui expectativas quanto ao reconhecimento pelos seus trabalhos de pesquisa e extensão, além de acreditar no aumento da produtividade das lavouras e das áreas que produzem cacau com qualidade superior;
- Cooperativa Agrícola Gandu – COOPAG: fundada em 1985, a cooperativa é a única organização consultada fora do trajeto Ilhéus – Itabuna. A COOPAG atende cerca de 700 produtores e oferece aos seus cooperados as

atividades comuns de venda, recepção, armazenamento e beneficiamento das amêndoas de cacau, além da compra de insumos e bens destinados à produção agrícola. A cooperativa busca, por meio da rede, receber informações sobre o mercado e o setor, ganhar notoriedade e visibilidade, além de descobrir novas oportunidades de atuação;

- Instituto Arapyáú: é uma associação sem fins lucrativos que atua na promoção do desenvolvimento sustentável, apoiando ações com suporte financeiro, estratégico e na articulação de organizações. A organização trabalha com quatro programas, sendo que um deles inclui atividades com a cadeia produtiva do cacau e do chocolate. O representante do Instituto consultado afirma que a motivação da organização em participar da rede é fomentar a cadeia produtiva do cacau-chocolate, oferecendo alternativas sustentáveis à produção do cacau *commodity*. O respondente acredita que o Instituto não ocupa um espaço na rede, mas é um agente fomentador e articulador, e que eles esperam, com os trabalhos conjuntos, aumentar a participação de cacau de qualidade no mercado, desenvolver a cadeia produtiva e a região;
- Rede de Agroecologia Povos da Mata: é uma associação do terceiro setor que recebe o título de Organização Participativa de Avaliação da Conformidade (OPAC)⁶; é credenciada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) desde 2016 e está habilitada para regular a certificação de produtores orgânicos, concedendo ou não a autorização do certificado aos mesmos. A rede atua nas regiões de Ibirapitanga, Serra Grande, Ilhéus/Itabuna e Arataca, e articula cerca de 700 famílias que incluem agricultores familiares, agricultores assentados da reforma agrária, quilombolas e indígenas. Além disso, a associação realiza oficinas, cursos, mutirões e trocas de experiências entre outras redes de agroecologia. Para a pessoa que representou a organização, participar da rede interorganizacional que está sendo analisada pela presente dissertação é uma forma de interagir

⁶ No Brasil, a certificação orgânica pode ser obtida a partir de três mecanismos: Certificação por Auditoria, que diz respeito ao credenciamento dos produtos por meio da inspeção de um órgão contratado; Sistema de Participação Garantida – SPG, em que o produtor deve compor um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC) de forma a garantir o enquadramento no modelo de produção orgânica; Organização de Controle Social – OCS, que representa o agrupamento de produtores interessados na venda direta ou institucional de seus produtos (BRASIL, 2017).

com outros atores locais, fortalecer a cadeia produtiva do cacau e fomentar a produção do cacau orgânico. Ela espera que os trabalhos coletivos possam promover a troca de informações, estabelecer novas parcerias, gerar mecanismos de capacitação e fortalecer o mercado de produtos de qualidade.

- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas unidade de Ilhéus: o escritório do SEBRAE do município de Ilhéus presta serviços de consultoria e fomenta atividades para as empresas locais e da região. De acordo com seu representante, o que levou a organização a participar da rede foi a necessidade de criar um projeto que chegasse até os produtores regionais de cacau, para isso, o SEBRAE contribui subsidiando ações voltadas à produção da matéria-prima de qualidade. A organização espera que o setor seja consolidado e gere renda e empregos para a região.

A partir da aplicação do formulário e das observações realizadas foi identificado com quais atores as organizações citadas se relacionam, mas que estão em pontos periféricos da rede e interagem menos no núcleo da rede, onde a intensidade dos relacionamentos é maior. Essas organizações não responderam ao formulário, por isso não foi possível identificar suas motivações em participar da rede, mas, a partir dos dados coletados e de pesquisas documentais, desenvolveu-se uma relação de suas características.

- Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC: localizada no eixo Ilhéus/Itabuna, a instituição de ensino superior oferece 32 cursos de graduação, 16 cursos de pós-graduação *lato sensu* e 24 cursos de pós-graduação *stricto sensu*. É válido destacar que no período da pesquisa o CIC, sendo parte do Parque Tecnológico, estava instalado no prédio da UESC durante o período da pesquisa de campo, haja visto que as instalações do Parque Tecnológico ainda não estão prontas;
- Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, Campus Jorge Amado: também localizada no eixo Ilhéus/Itabuna, a instituição de ensino superior oferece nove cursos de graduação;
- Instituto Federal Baiano – IFBaiano, Campus de Uruçuca: situado no município de Uruçuca, esta unidade do Instituto Federal oferece dois cursos

de técnicos integrados ao ensino médio, três cursos técnicos subsequentes e dois cursos superiores de tecnologia (IFBAIANO, 2017);

- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB;
- Federação das Indústrias do Estado da Bahia – FIEB;
- Sistema FAEB/SENAR – Federação da Agricultura e da Pecuária do Estado da Bahia e Sistema Nacional de Aprendizagem Rural;
- Sindicato Rural de Ilhéus;
- Prefeitura de Ilhéus;
- Associação dos Municípios do Sul da Bahia;
- Parque Tecnológico do Sul da Bahia;
- Governo do Estado da Bahia;
- Teia dos Povos: consiste em um Movimento Agroecológico que envolve comunidades indígenas e quilombolas, assentados da reforma agrária, pequenos produtores rurais, pesquisadores, estudantes e profissionais da agroecologia (TEIA DOS POVOS, 2017);
- Dengo: empresa fabricante de chocolate e café de origem. Atua no mercado com um modelo de negócio de impacto social, selecionando os produtores de matéria-prima e participando ativamente das etapas entre a colheita e a comercialização final (DENGGO, 2017);
- Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – FUNBIO: criada em 1996, a uma associação atua como um mecanismo de financiamento de projetos e estratégias de forma a implementar a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB) no Brasil, por isso possui parcerias com órgãos públicos das esferas estaduais e federal, com o setor privado e com a sociedade civil organizada (FUNBIO, 2017);
- Fundação Pau Brasil;
- Instituto EcoBahia;
- Tabôa: fundada em 2014 e localizada no distrito de Serra Grande, município de Uruçuca, a organização sem fins lucrativos apoia empreendimentos socioeconômicos comunitários, oferecendo cursos, mentoria, assessoria e crédito de baixo custo (TABÔA, 2017);
- AIPC - Associação das Indústrias Produtoras de Cacau;

- Cooperativa da Agricultura Familiar e Economia Solidária da Bacia do Rio Salgado e Adjacências – COOPFESBA: localizada na cidade de Ibicaraí, a cooperativa é detentora da primeira marca e da fábrica de chocolate de produção da agricultura familiar da Bahia. Ao todo são 120 produtores familiares cooperados que cultivam o cacau orgânico e utilizam o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE para comercializar subprodutos do cacau para 270 escolas estaduais de Salvador, além de vender os chocolates fabricados com sua marca própria em feiras locais (BRASIL, 2017);
- Cooperativa de Pequenos Produtores de Cacau, Mandioca e Banana, do Centro Sul da Região Cacaueira - COOPERCENTROSUL;
- COOPERAPC: é uma cooperativa de produtores de cacau que não está em exercício. Segundo informações levantadas durante a aplicação dos formulários e às observações realizadas, representantes da COOPERAPC discutem a criação de um Fundo de Desenvolvimento da Cacaucultura Baiana (FUNDECAUBA), um fundo que cobraria dos produtores uma taxa de 1% sobre o valor da arroba de cacau comercializada e destinaria o montante para uma conta de um “Banco Oficial”, administrada por um colegiado de cacaucultores e instituições ligadas ao setor.

Além de permitir a identificação das organizações inseridas na rede foi possível identificar em quais aspectos os respondentes atribuíram importância para as mesmas. Para tal, foram criadas quatro categorias de importância, sendo elas: fomento à qualidade, capacitação profissional, tecnologia e processo produtivo e questões sociais e de desenvolvimento regional. A escolha pela análise da categoria “tecnologia” também é justificada pelas características da abordagem dos SAGs, em específico pelas contribuições do enfoque das *filière* que chamam atenção para a importância das relações tecnológicas dos agentes de uma cadeia produtiva (SOUZA; AVELHAN, 2009).

Nesse sentido, o uso de novas tecnologias e as adequações e melhorias no processo produtivo dependem da capacitação dos produtores e trabalhadores por meio de instituições apropriadas.

A referência ao aspecto das questões sociais e desenvolvimento regional foi feita com base nas afirmações de Serra e Marinho (2007) e Almeida et al. (2013) de que, ao longo da história, a organização dos agentes da cadeia produtiva do cacau no Sul da Bahia não foi

favorável ao desenvolvimento da região. Dessa maneira, buscou-se identificar se está havendo uma mudança nesse cenário e quais organizações atuam nesse sentido.

A Tabela 1 mostra como a divisão foi feita a partir dos dados coletados por meio da aplicação dos formulários.

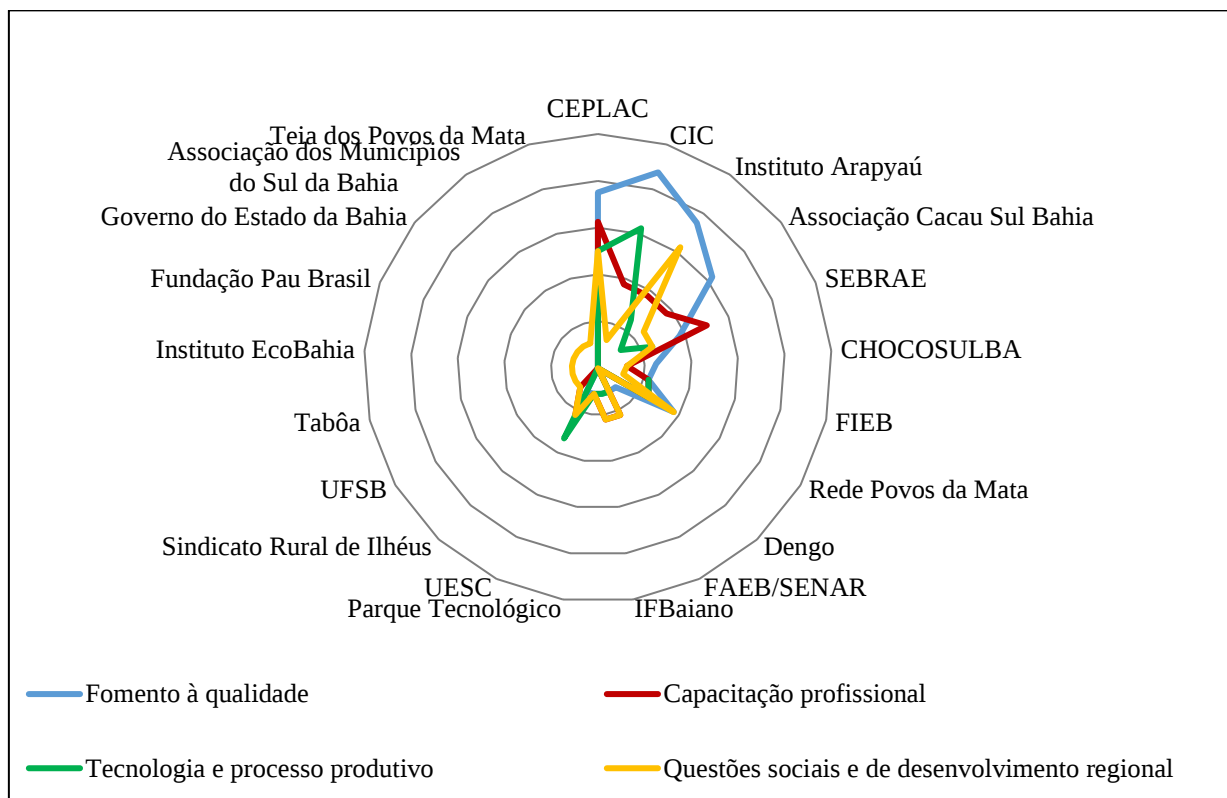
Tabela 1 – Aspectos de importância atribuídos pelos respondentes aos atores da rede

Organização	Porcentagem dos respondentes que atribuíram importância ao aspecto ⁷ :			
	Fomento à qualidade	Capacitação profissional	Tecnologia e processo produtivo	Questões sociais e de desenvolvimento regional
CEPLAC	75%	63%	50%	50%
CIC	88%	38%	63%	13%
Instituto Arapyáú	75%	38%	25%	63%
Associação Cacau Sul Bahia	63%	38%	13%	25%
SEBRAE	38%	50%	25%	25%
CHOCOSULBA	25%	13%		13%
FIEB	22%	22%	22%	11%
Rede Povos da Mata	38%	25%	25%	38%
Dengo	11%	0%	0%	0%
FAEB/SENAR	11%	22%	11%	22%
IFBaiano	11%	22%	11%	22%
Parque Tecnológico	11%	11%	11%	11%
UESC	11%	22%	33%	22%
Sindicato Rural de Ilhéus	0%	11%	0%	11%
UFSB	0%	0%	0%	11%
Tabôa	0%	0%	0%	11%
Instituto EcoBahia	0%	0%	0%	11%
Fundação Pau Brasil	0%	0%	0%	11%
Governo do Estado da Bahia	0%	0%	0%	11%
Associação dos Municípios do Sul da Bahia	0%	0%	0%	11%
Teia dos Povos da Mata	0%	0%	0%	11%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

As informações da Tabela 1 foram lançadas no Gráfico 4 de forma a facilitar a visualização dos aspectos em que as organizações têm mais peso. Com isso, também ficaram evidentes as *expertises* e áreas de atuação dos atores, fato que será discutido nos tópicos a seguir.

⁷ No caso da CEPLAC, do CIC, da Associação Cacau Sul Bahia, da CHOCOSULBA, do Instituto Arapyáú, da Rede Povos da Mata e do SEBRAE, o cálculo da porcentagem é feito com base na equação $n/(N-1)$, em que n = os respondentes que atribuíam importância a um dos aspectos e N = o número total de respondentes. Justifica-se a escolha o fato de que nenhum respondente se inclui no universo de suas atribuições.

Gráfico 4 - Aspectos de importância atribuídos pelos respondentes aos atores da rede

Fonte: Elaborado pelo autor

É importante ressaltar que a CEPLAC foi considerada importante nos quatro aspectos por metade ou mais dos respondentes, isso valida as informações fornecidas de que a organização é pioneira nos trabalhos com a produção local de chocolate, por meio da implementação de uma fábrica de chocolate em sua unidade Ilhéus/Itabuna, e de que suas pesquisas e atividades de extensão também são precursoras em relação aos testes e análises feitas com as amêndoas de cacau, aos modelos de produção agrícola em consórcio com espécies nativas, à produção de clones resistentes doenças, às práticas de manejo, fermentação e armazenamento do cacau de qualidade. A aplicação dos formulários e as observações realizadas também permitiram identificar que as diretrizes técnicas do protocolo de uso da IP do Sul da Bahia foram elaboradas com participação da CEPLAC.

Entre as organizações criadas mais recentemente, destacam-se, em praticamente todos os aspectos, o Instituto Arapyaú e o Centro de Inovação do Cacau. A primeira organização, por possuir um caráter articulador e fomentador, está presente em ações que fazem frente aos diferentes aspectos na cadeia produtiva do cacau-chocolate. Além das ações voltadas à qualidade, o Instituto Arapyaú atua na articulação de ações voltadas ao desenvolvimento local, fomentando atividades educacionais e ações de cunho socioambiental.

Já O CIC oferece serviços que inicialmente foram trazidos para região por meio da CEPLAC, contudo, por se tratar de uma empresa privada e ser criada em um contexto totalmente distinto da década de 1950, apresenta uma proposta diferente da CEPLAC. O CIC, por meio da oferta de serviços, atua no fomento à qualidade e dissemina tecnologia de processos produtivos. Seu papel é relevante na rede, uma vez que confere classificação necessária para reduzir assimetrias de informação entre compradores e vendedores. Observa-se que esse ator tem se tornado uma referência para o setor e para a rede analisada.

Outra organização atuante no fomento da qualidade na cadeia produtiva do cacau é a Associação Cacau Sul Bahia, também considerada pelos respondentes como um importante articulador da rede, uma vez que a mobilização em torno da implementação do registro de Indicação de Procedência é vista como um projeto “guarda-chuva” da rede. Tal associação foi reconhecida como o agente criado para articular as questões voltadas para a indicação geográfica. Ressalta-se que esse projeto, na visão dos respondentes, tem desencadeado a articulação de atores, cujo resultado vai além do acesso ao selo.

Deve ser ressaltado que as redes são dinâmicas e mudam em função das ações dos atores sociais e do ambiente no qual estão inseridos. Assim, os resultados aqui demonstrados evidenciam a percepção do pesquisador no momento da coleta de dados, que aconteceu em setembro de 2017. Futuramente, esses dados podem ser utilizados para comparar a evolução da rede e da participação de seus atores, indicando uma nova dinâmica na microrregião.

Os tópicos a seguir mostram como as organizações apresentadas se relacionam no contexto da rede, quais as características da rede, quais as características dos atores em relação a esses relacionamentos e em quais dimensões a rede contribui para o fortalecimento do capital social.

4.2 Mapa da rede

Os dados coletados pela pesquisa permitiram observar a rede a partir de duas variáveis: a frequência dos relacionamentos e o grau de confiança existente entre os atores. É importante destacar que a frequência dos contatos entre os atores foi mensurada com base em quatro pesos: 1 – Menos de uma vez ao mês; 2 – Uma vez ao mês; 3 – Semanalmente; 4 – Diariamente. Já a confiança de um ator em relação ao outro foi medida com base em três pesos: 1 – Não confia; 2 – Neutro; 3 – Confia.

A escolha por essas duas variáveis foi feita com base nas contribuições de Granovetter (2007), uma vez que o autor considerou que as redes de relacionamento

interpessoal podem garantir a manutenção da confiança entre os atores e as trocas de informações evidenciam a reputação dos agentes que estão interagindo.

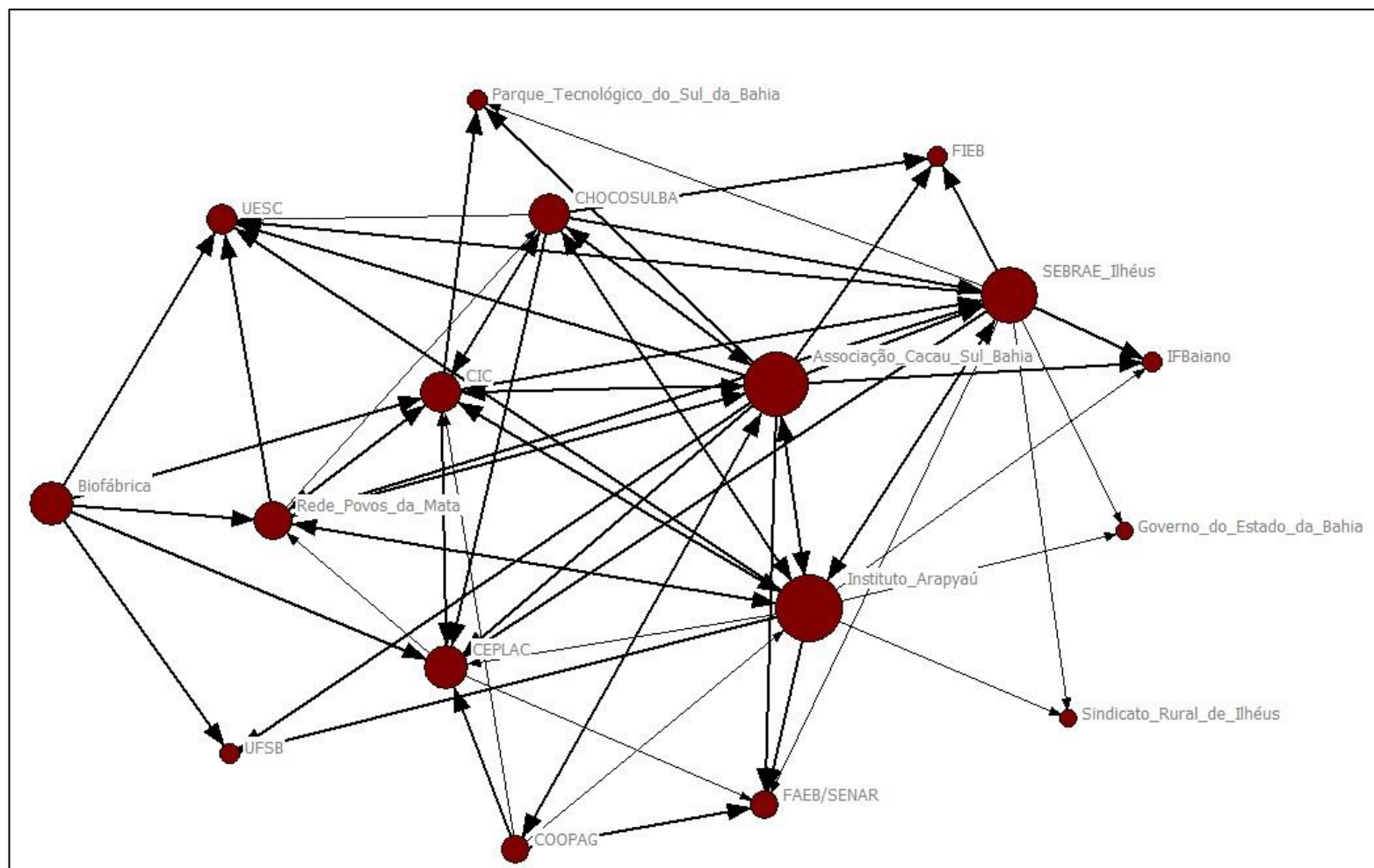
Quando lançados no *software* NetDraw® os dados tabulados são convertidos em uma imagem que representa graficamente os relacionamentos de rede por meio de seus nós e laços. As Figuras 2 e 3 representam, respectivamente, as imagens geradas a partir da frequência dos relacionamentos e da confiança existente entre os atores. Apesar das posições de alguns dos atores serem diferentes em cada uma das figuras, nos dois casos os relacionamentos entre as organizações são exatamente os mesmos. Isso ocorre pelo fato do programa sempre gerar uma imagem distinta a cada vez que um grupo de dados é lançado.

Ambas as figuras não incluem algumas das organizações que fazem parte da rede e estão listadas no tópico 4.1. Tal fato se justifica porque não foram considerados, nesta e na próxima etapa da pesquisa, as relações com menos de dois elos e com distância geodésica⁸ igual a zero. Além disso, considerou-se que não foi atribuído importância para alguns desses atores em mais de duas das categorias analisadas, como mostra a Tabela 1. Dessa maneira, a análise passa a ter como recorte o núcleo central da rede, com adição dos atores periféricos que mais interagem com as demais organizações.

A única diferença entre as representações gráficas das duas redes são as forças dos laços e o grau de centralidade dos atores, representadas nas imagens pela espessura dos traços e das setas, e do raio dos círculos ou pontos que representam os atores. No caso da rede de confiança, o fato dos traços e das setas serem mais espessas indica que os relacionamentos mostraram ser mais fortes, já que houve uma incidência superior de respostas com maior peso (mais próximas de 3).

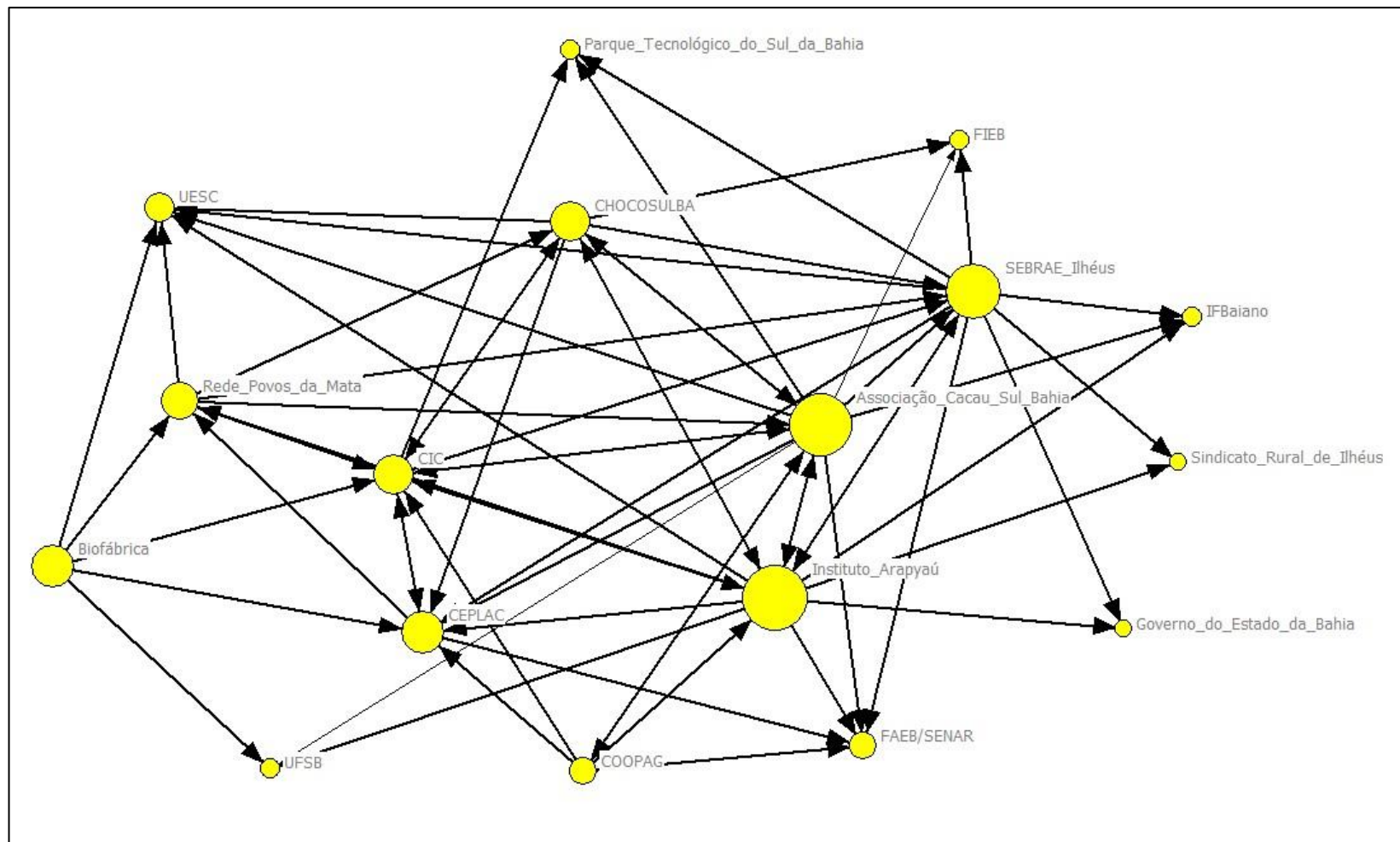
⁸ A distância geodésica representa o caminho mais curto entre dois nós de uma rede. Quando a distância geodésica é igual a zero, isso quer dizer que um nó não está ligado ao outro, ou seja, não havendo possibilidade de existir um caminho mais curto entre os dois nós (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002).

Figura 5 – Sociograma que representa a frequência dos relacionamentos na rede interorganizacional.



Fonte: Elaborado pelo autor no *software* NetDraw® com base nos dados da pesquisa

Figura 6 – Sociograma que representa a confiança entre as organizações na rede.



Fonte: Elaborado pelo autor no software NetDraw® com base nos dados da pesquisa

A princípio, outras características podem ser observadas com a simples leitura das imagens, a exemplo o fato de que as redes são assimétricas, uma vez que existem atores em posições mais centrais das redes como ilustram os pontos com maior diâmetro. Observa-se que a Associação Cacau Sul Bahia, a Biofábrica, o CIC, o SEBRAE e o Instituto Arapyaú são considerados mais centrais na rede. É notado também que a participação dos órgãos públicos é periférica, como demonstra o posicionamento das instituições de ensino, da Prefeitura de Ilhéus e do Governo do Estado da Bahia.

A posição e o raio dos nós ou pontos também evidenciam quais as organizações possuem um maior número de contatos. Somando a interpretação dos dados coletados com a leitura das imagens acima, é possível afirmar que a Associação Cacau Sul Bahia, o Instituto Arapyaú e o SEBRA ocupam os respectivos lugares na rede por se relacionarem com a maior parte dos atores que compõem o núcleo da rede.

A exclusão dos atores geodésicamente mais distantes oculta das Figuras 2 e 3 os subgrupos formados na rede. O Instituto Arapyaú, a Biofábrica e a Associação Cacau Sul Bahia foram as organizações com o maior número de contatos que não se relacionam no âmbito da rede. Essa informação será validada no tópico 4.3, quando será discutido o índice de intermediação das organizações.

4.3 Indicadores e medidas da rede e das organizações

Assim como foi destacado na revisão bibliográfica e na metodologia da pesquisa, existem medidas e indicadores que caracterizam uma rede como um todo e os seus atores separadamente. No caso da análise da rede toda foi utilizado o grau de densidade, que representa uma medida de coesão e, neste caso, foi calculado pelo total dos valores ou dos pesos dividido pelo número de laços possíveis (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002). A densidade, na teoria sobre redes sociais, por estar ligada à coesão social, representa o grau de proximidade e harmonia dos relacionamentos existentes, além de ser um fator determinante para a troca de conhecimentos e informações (SCHAEFER; KORNIENKO, 2009; REAGANS; MCEVILY, 2003).

A densidade de uma rede também pode ser explicada pela teoria da força dos laços de Granovetter (1973). O autor acredita que os laços mais fortes são constituídos por relações ligadas à fatores emocionais e ao grau de intimidade dos atores. São exemplos de laços fortes

as relações familiares e de amizade, enquanto os laços fracos podem representar associações secundárias (PINTO; JUNQUEIRA, 2009).

A Tabela 2 mostra o grau de densidade das redes formadas a partir das variáveis confiança e frequência dos relacionamentos em três cenários diferentes: pessimista – em que se considerou que todas relações das duas redes tinham o menor peso possível (1 para ambas as variáveis); realista – em que se considerou os dados da pesquisa de campo; otimista – em que se considerou que todas as relações das duas redes tinham o maior peso possível (4 para frequência e 3 para confiança).

Tabela 2 – Cenários pessimista, realista e otimista para os graus de densidade das redes formadas a partir das variáveis frequência e confiança

Rede	Cenário pessimista	Cenário realista	Cenário otimista
	Grau de densidade	Grau de densidade	Grau de densidade
Frequência	2,750	5,438	10,063
Confiança	2,625	7,094	7,563

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos índices calculados no *software* UCINET6®

A coesão da rede de confiança é provada quando se comparam os três cenários construídos. A partir desse contexto, foi possível perceber que praticamente todas as relações atingem o peso 3, ou seja, a rede se aproximou muito do cenário otimista, em que nenhum dos relacionamentos teria peso menor que 3. Isso mostra que existem laços fortes de confiança entre as organizações, sinalizando para a existência do capital social, haja vista que a confiança e a coesão social são elementos-chave do capital social, segundo a perspectiva de Baquero e Hammes (2006).

A relação de amizade entre os atores da rede justifica o grau de densidade da mesma. Essa informação contribui para comprovar a teoria de Granovetter (1973) sobre a força dos laços, uma vez que o mesmo classifica a amizade como um dos fatores determinante dos laços fortes. A questão da amizade será tratada com mais profundidade na análise do capital social, no tópico 4.2 da dissertação.

A comparação entre os três cenários deixa claro que a rede constituída a partir da frequência dos relacionamentos é menos densa e consequentemente menos coesa. O que comprova essa afirmação é o fato de que há um equilíbrio na periodicidade das interações entre os atores, ou seja, nem todas as organizações se comunicam com a mesma intensidade, uma vez que não há uma demanda constante por alguns tipos de informação ou os atores não têm proximidade.

Para analisar os relacionamentos no nível individual, ou seja, no nível das organizações, foram utilizados os indicadores de centralidade de grau, proximidade e de intermediação. Essas medidas de rede contribuem para a identificar as relações de poder e comando na rede, segundo afirmam Makagon, McCowan e Mench (2012).

No que diz respeito os indicadores de centralidade de grau e de proximidade, foram calculados pelo *software* UCINET6® o grau de entrada, que equivale ao número de organizações que se ligam a um determinado ator, e o grau de saída, que representa o número de ligações que um ator tem com os demais atores da rede (MOLLO NETO, 2015). No caso dos atores que não responderam aos formulários, o cálculo chegou somente até o grau de entrada, permitindo visualizar como as demais organizações interagem com eles e não como eles interagem com as mesmas. Apesar disso, esse fator não foi uma limitação para a pesquisa, já que os indicadores existentes foram suficientes para analisar o comando, as relações de poder e controle informacional no âmbito da rede.

A Tabela 3 mostra o índice de centralidade de grau das organizações nos contextos da rede formada a partir da confiança e da frequência das relações. Por se tratar de redes com dados não simétricos, o cálculo do indicador, tanto em seu grau de entrada quanto em seu grau de saída, é representado pela soma dos pesos ou valores dos laços (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002).

Os pesos que se faz referência nessa seção são os mesmos apresentados no início do tópico 4.2. Lembrando que para a variável frequência foram utilizados quatro valores: 1 – Menos de uma vez ao mês; 2 – Uma vez ao mês; 3 – Semanalmente; 4 – Diariamente; e para a variável utilizaram-se três valores: 1 – Não confia; 2 – Neutro; 3 – Confia.

Tabela 3 – Índice de centralidade de grau das organizações

Ator Social	Frequência		Confiança	
	Grau de saída	Grau de entrada	Grau de saída	Grau de entrada
Associação Cacau Sul Bahia	39,000	13,000	36,000	15,000
Biofábrica	27,000	0,000	28,000	0,000
CEPLAC	4,000	16,000	10,000	20,000
CHOCOSULBA	15,000	8,000	23,000	11,000
CIC	18,000	18,000	20,000	21,000
COOPAG	10,000	3,000	15,000	3,000
FAEB/SENAR	0,000	8,000	0,000	14,000
FIEB	0,000	6,000	0,000	7,000
Governo do Estado da Bahia	0,000	2,000	0,000	6,000
IFBaiano	0,000	5,000	0,000	8,000
Instituto Arapyaú	30,000	17,000	48,000	18,000
Parque Tecnológico	0,000	7,000	0,000	8,000

Rede Povos da Mata	15,000	8,000	17,000	11,000
SEBRAE Ilhéus	16,000	12,000	30,000	15,000
Sindicato Rural de Ilhéus	0,000	2,000	0,000	6,000
UESC	0,000	12,000	0,000	18,000
UFSB	0,000	7,000	0,000	7,000

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos índices calculados pelo *software* UCINET6®

No que diz respeito ao grau de saída para frequência dos relacionamentos, a Associação Cacau Sul Bahia, o Instituto Arapyaú e a Biofábrica são os atores com os maiores índices, respectivamente. Vale lembrar que o grau de saída corresponde ao número de ligações que um determinado nó tem com os outros nós da rede. Os resultados mostram que as organizações citadas são mais centrais nesse quesito por possuírem um maior número de contatos, se tornando os principais receptores de informação da rede e os atores mais ativos.

Os resultados dos índices referentes ao grau de entrada da frequência das relações provam que o CIC, o Instituto Arapyaú e a CEPLAC são, respectivamente, as organizações com quem os demais atores mais interagem na rede. Esse indicador é importante para mostrar que o Instituto Arapyaú e a Associação Cacau Sul Bahia, com o quarto maior grau de saída, não só são receptores de informação, como são importantes disseminadores de informação, o que justifica o fato de alguns respondentes os considerarem os principais articuladores da rede.

Se somada a informação anterior com o fato de que o CIC, a CEPLAC, o Instituto Arapyaú e a Associação Cacau Sul Bahia foram considerados os atores mais importantes em termos do fomento à qualidade do cacau, percebe-se que o núcleo central da rede realmente tem sua *expertise* ligada ao assunto, e por isso conseguem influenciar os pontos mais periféricos e geodésicamente distantes nesse quesito.

A CEPLAC e o CIC, a exemplo do que mostra o tópico 4.1, são considerados importantes na disseminação de tecnologias e informações relacionadas ao processo produtivo do cacau. Tal fato evidencia que no núcleo central estão as respectivas organizações que mais levam as informações da rede para o campo prático. Nesse sentido, a atuação dos dois atores promove diferentes soluções complementares para o mesmo problema, uma vez que a CEPLAC é um órgão público e oferece aos produtores um amplo banco de dados com resultados de pesquisa sobre a lavoura cacaueira, suas variações genéticas e doenças, além das atividades de extensão oferecidas; e o CIC, um órgão de iniciativa privada, que atua no controle da qualidade das amêndoas, permitindo que os produtores acessem mercados específicos por meio de seu banco de dados e possam contratar seus serviços de consultoria. Ressalta-se que enquanto os serviços da CEPLAC são gratuitos, os serviços oferecidos pelo CIC são vendidos aos produtores.

No núcleo central da rede, o CIC e em segundo lugar o SEBRAE, são as organizações mais lembradas quando se atribui importância ao quesito da capacitação profissional, como mostram a Tabela e o Gráfico. A capacitação oferecida pelo SEBRAE fomenta atividades gerenciais para empresas locais e da região. Esse é outro fato que contribui para o posicionamento dos atores na rede, já que a CEPLAC está vinculada a todos os aspectos citados até agora e ocupa a terceira posição de ator mais central da rede em termos do grau de entrada, enquanto o SEBRAE ocupa a quinta posição depois da Associação Cacau Sul Bahia.

A última questão discutida no tópico 4.1 foi a importância atribuída para as organizações no que diz respeito às contribuições para o desenvolvimento da microrregião Ilhéus-Itabuna. Nesse aspecto, destacaram-se o Instituto Arapyaú e CEPLAC, e os resultados condizem com a *expertise* e *core* de atuação do primeiro ator, uma vez que o Arapyaú participa e promove diferentes projetos de desenvolvimento sustentável espalhados pelo país. A CEPLAC torna-se importante nesse quesito, por contribuir com questões que afetam diretamente o desenvolvimento da região, como o melhor uso da mão-de-obra, aumento da produtividade das lavouras, aumento da qualidade do produto final e, conseqüentemente, do valor de comércio.

A leitura dos relacionamentos constituídos com base na variável frequência, em combinação com a leitura das relações de confiança, acrescenta à pesquisa o aspecto da personalidade, permitindo identificar como os elos podem ser mais duradouros no âmbito da rede. A princípio, analisou-se o grau de entrada da confiança dos relacionamentos, de forma a demonstrar com qual intensidade as organizações confiam nos atores com quem elas interagem.

Os resultados evidenciaram que o Instituto Arapyaú, a Associação Cacau Sul Bahia e a Biofábrica são, respectivamente, os agentes que mais confiam nos demais atores da rede, e isso acontece não só pela intensidade da confiança das relações, mas também pelo número de contatos que eles possuem dentro da rede. O indicador também revelou que o fato das organizações serem os principais receptores de informações na rede está interligado com o grau de confiança atribuído por eles aos demais atores.

O grau de saída da confiança dos relacionamentos indica em quais atores as organizações mais confiam no âmbito da rede. Nesse aspecto, a CEPLAC obteve o maior resultado e o Instituto Arapyaú, o CIC e UESC empataram com o segundo maior índice. Em conjunto com os resultados do grau de saída da frequência dos contatos, esse indicador representa que as informações disseminadas pela CEPLAC, pelo CIC e pelo Instituto Arapyaú são confiáveis, o que justifica uma maior interação dos demais atores da rede com as respectivas organizações.

A partir desse ponto da pesquisa, a análise não mais combinará os contextos das relações estabelecidas pelas variáveis confiança e frequência. Isso acontece pelo fato de que os índices de centralidade de proximidade e de intermediação não consideram os pesos das relações como no caso da centralidade de grau, mas sim o posicionamento e a distância geodésica dos atores da rede, além de que o cálculo dos indicadores gera resultados idênticos tanto quando se tem como base a variável frequência, quanto quando se tem como base a variável confiança.

A centralidade de proximidade das organizações considera, neste caso, a soma das distâncias recíprocas que ligam um ponto ao outro por meio dos caminhos mais curtos (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002). Como foi frisado anteriormente, e como mostra a Tabela 5, apesar das diferenças existentes nos pesos das respostas dos respondentes, os resultados dos indicadores foram os mesmos tanto para os cálculos feitos a partir da variável frequência quanto para os cálculos feitos a partir da variável confiança.

Tabela 4 – Índice de centralidade de proximidade das organizações

Ator social	Grau de saída	Grau de entrada
Associação Cacau Sul Bahia	20,000	6,500
Biofábrica	18,167	0,000
CEPLAC	12,000	7,500
CHOCOSULBA	16,500	6,000
CIC	16,000	7,500
COOPAG	14,667	4,000
FAEB/SENAR	0,000	7,000
FIEB	0,000	5,667
Governo do Estado da Bahia	0,000	5,167
IFBaiano	0,000	5,667
Instituto Arapyaú	20,500	7,000
Parque Tecnológico	0,000	6,000
Rede Povos da Mata	15,333	6,000
SEBRAE Ilhéus	16,667	6,500
Sindicato Rural de Ilhéus	0,000	5,167
UESC	0,000	7,500
UFSB	0,000	5,833

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos índices calculados pelo *software* UCINET6®

Em termos do grau de saída do índice de proximidade, o Instituto Arapyaú, a Associação Cacau Sul Bahia e a Biofábrica mostraram, respectivamente, serem mais capazes de alcançar os demais atores da rede por meio dos caminhos mais curtos, ou seja, eles estavam mais próximos das outras organizações no momento de estabelecer relações de confiança e interagir para buscar informações. Em relação ao grau de entrada do índice de proximidade, os resultados indicaram que a soma dos caminhos mais curtos entre as organizações consultadas e

os demais atores da rede levam à CEPLAC, a UESC, o CIC e o Instituto Arapyaú, respectivamente. Isso quer dizer que esses atores são os mais próximos dos demais agentes da rede quando há o contato para a troca de informações, o que ocasiona na formação de laços fortes de confiança.

A proximidade percebida tanto pelo grau de entrada quanto pelo grau de saída sinaliza que há presença do capital social de ligação, ou seja, em ambas as situações o capital social é fator capaz de aproximar os indivíduos da rede (MARTELETO; SILVA, 2004). Dessa maneira, o Instituto Arapyaú, a Associação Cacau Sul Bahia, a Biofábrica, a CEPLAC, o CIC e a UESC são organizações com o potencial de ligar o núcleo central da rede com os atores mais periféricos e geodésicamente distantes. Isso significa que esses atores são capazes de disseminar informações e alinhar o comportamento de atores sociais mais periféricos na rede.

O último aspecto analisado, no que se refere aos indicadores das organizações, foi a centralidade de intermediação. Nesse quesito é considerada a porcentagem dos caminhos que ligam dois nós distintos e passam por um ponto específico, o que permite medir o controle de informação dos atores da rede (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002). É importante destacar que os resultados apresentados na Tabela 6 só foram gerados pelo UCINET® para as organizações cujos os representantes responderam ao formulário e que se enquadraram em relacionamentos recíprocos, ou seja, atores que se relacionavam com uma ou mais das organizações e recebiam o contato inverso das mesmas.

Tabela 5 - Índice de centralidade de intermediação das organizações

Ator Social	Frequência
Associação Cacau Sul Bahia	43,100
CEPLAC	11,500
CHOCOSULBA	10,267
CIC	24,733
Instituto Arapyaú	57,933
Rede Povos da Mata	19,700
SEBRAE Ilhéus	19,767

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos índices calculados pelo *software* UCINET6®

Percebe-se que há uma discrepância no controle informacional do Instituto Arapyaú e da Associação Cacau Sul Bahia em relação aos demais atores da rede. Tal fato corrobora com o ponto de vista de alguns respondentes de que as duas organizações, que apresentam maior índice de centralidade de intermediação, são importantes articuladores da rede.

Além disso, o indicador de centralidade de intermediação sinaliza a potencialidade dos atores em fortalecer o capital social de ponte, haja vista que o capital social, representado aqui pela confiança, pode romper barreiras entre diferentes grupos e ampliar o alcance das redes de relacionamento (MARTELETO; SILVA, 2004), e nesse caso, os atores possuem conexões com diferentes pontos da rede, podendo ampliar as interações entre grupos que estejam fora do conjunto analisado.

Em suma, os indicadores utilizados para a análise do nível individual da rede mostraram que o desenvolvimento da cadeia produtiva do cacau de qualidade na microrregião Ilhéus-Itabuna incorpora o legado deixado pelo fomento estatal à cacauicultura, representado principalmente pela atuação da CEPLAC, a um novo cenário em que organizações privadas e do terceiro setor oferecem suporte em termos de inovação e tecnologia, e mobilizam os produtores rurais para a importância de se buscar novas alternativas para o setor, visando agregar valor ao cacau comercializado.

O fato da CEPLAC estar como ator central da rede salienta sua relevância para a cacauicultura de uma maneira geral e para a região estudada. Segundo o depoimento de alguns dos respondentes, mesmo com os cortes de verba destinada à organização ao longo dos anos, ainda há estrutura, conhecimento e tecnologias qualificadas para fomentar o setor, bem como a produção de chocolate e outros subprodutos do cacau. Isso faz da organização uma importante fonte de conhecimento e informações, levando os demais atores da rede a interagem com o órgão público e a estabelecer relações de confiança e proximidade.

Como mostram os índices de centralidade de grau, além da CEPLAC, a UESC e a UFSB são as organizações públicas mais atuantes da rede, enquanto a Prefeitura de Ilhéus e o Governo do Estado da Bahia ocupam posições marginais em ambos os contextos analisados. Tendo em vista a *expertise* das organizações supracitadas, tal circunstância deixa evidente que as interações entre os demais atores da rede e os órgãos públicos acontecem mais pela busca de conhecimento, de tecnologias e das inovações geradas a partir de pesquisas e atividades de extensão, e menos no sentido de conseguir algum tipo de incentivo ou apoio político.

No âmbito das organizações privadas, o CIC aparece como o ator mais central da rede. Seu posicionamento na rede é justificado pelo fato do ator receber e propagar informações sobre práticas de cultivo, manejo e processamento que ajudam a garantir a qualidade superior do cacau, além de armazenar dados sobre a qualidade as amêndoas produzidas na microrregião Ilhéus-Itabuna. Embora os serviços prestados pelo CIC sejam cobrados, a organização não tem fins lucrativos e faz parte do projeto do Parque Tecnológico do Sul da Bahia, que coloca a inovação como um dos pilares para o desenvolvimento da região.

Ainda representando as organizações privadas, atuam na rede quatro cooperativas, que apesar de não ocuparem posicionamentos centrais na rede, são atores que mobilizam um número expressivo de produtores de cacau. Outro aspecto observado foi que duas dessas cooperativas não estão localizadas entre os municípios de Ilhéus e Itabuna, mas em municípios adjacentes, fator que contribui para que as informações sejam disseminadas com maior alcance.

Além das organizações públicas e privadas, a rede conta com organizações do terceiro setor que representam grupos de agentes da cadeia produtiva do cacau de qualidade e do chocolate de origem, e que seguindo a teoria dos Sistemas Agroindustriais (SAGs), são vistos como agentes do ambiente organizacional (ZYLBERSZTAJN, 1995, 2000). Dentre esses atores destacam-se como os mais centrais: o Instituto Arapyaú e a Associação Cacau Sul Bahia.

A primeira organização não representa um elo específico da cadeia produtiva, mas, como discutido anteriormente, ela foi criada com objetivo de fomentar o desenvolvimento sustentável por meio de diferentes projetos espalhados pelo Brasil. Entre esses projetos incluem-se atividades desenvolvidas no sul da Bahia que abrangem a cadeia produtiva do cacau e do chocolate de origem. Tendo em vista a abrangência da atuação do Instituto Arapyaú, percebe-se a organização além de ser uma importante fonte de informação na rede, é um agente capaz de fomentar e mobilizar atores em ações com diferentes objetivos.

O fato da Associação Cacau Sul Bahia ter surgido principalmente para representar os produtores de cacau da região no processo de obtenção do registro de Indicação de Procedência Sul da Bahia, faz com que a organização seja capaz de mobilizar atores espalhados além da microrregião Ilhéus-Itabuna, o que possibilita aumentar o alcance das informações disseminadas pela rede e também a ampliação de sua estrutura. Com base nas formulários aplicados e nas observações realizadas, foi possível identificar que um dos objetivos dos associados, era, após aprovação do registro de IG pelo INPI, fazer com que um maior número de produtores tomasse conhecimento.

Outras organizações do terceiro setor que fazem parte da rede, mas que obtiveram menores índices de centralidade são a Rede Povos da Mata e a CHOCOSULBA. Mesmo com um posicionamento menos central, o que prova que essas organizações interagem com uma frequência mais baixa e detém menos controle do fluxo informacional em comparação aos atores centrais, elas mobilizam um grande número de produtores rurais, como é o caso da Rede Povos da Mata e de fabricantes de chocolate, como é o caso da CHOCOSULBA.

Os índices utilizados para as análises no nível da rede e das organizações também permitiram notar a presença do capital social. Em síntese, os indicadores provaram que a variável confiança atribui à rede o caráter da coesão, além de ser um fator de aproximação e

intermediação dos atores da rede. A partir dos indicadores, também foi possível verificar por meio de quais atores o capital social, representado neste caso pela confiança, se enquadrava como um recurso de ligação, de ponte e conexão.

Para complementar a análise do capital social também foram consideradas suas dimensões relacional, estrutural e cognitiva. Mesmo que alguns dos elementos das dimensões do capital social tenham sido revelados neste tópico, buscou-se identificar elementos e detalhes que não foram perceptíveis a partir dos indicadores da rede e das organizações, permitindo observar outras características particulares dos relacionamentos. Dessa forma, o tópico seguir se concentra em analisar o capital por meio das três dimensões supracitadas.

4.2 Análise das dimensões do capital social

A leitura que se faz sobre o capital neste tópico, segue a linha de pensamento da corrente sociológica apresentada pela OECD (2001), que diz que o capital social representa normas sociais e fatores de origem da motivação humana, além de considerar, numa organização social de um grupo de indivíduos, características como a confiança, normas de reciprocidade e redes de engajamento cívico. Para isso, foram utilizadas, a princípio, os indicadores de centralidade de grau, proximidade e intermediação. A partir desse ponto, o capital social será analisado considerando suas três dimensões, conforme a perspectiva de Nahapiet e Ghosal (1998).

A análise da dimensão estrutural do capital social foi a mais favorecida com o resultado dos índices de densidade da rede, centralidade de grau, de proximidade e intermediação dos atores, uma vez que a dimensão compreende questões como a troca de conhecimentos, à conectividade, às relações de poder, e à configuração e às conexões da rede (NAHAPIET; GHOSAL, 1998; FACCIN; MACKE; GENARI, 2013). A partir dos indicadores supracitados foi possível perceber as relações de poder e de controle das informações e quão intensos são os relacionamentos baseados na frequência e na confiança.

Com base nos dados levantados na pesquisa de campo, a dimensão estrutural do capital social passou a ser percebida com base em outras duas questões. Como mostra a Tabela 6, foram analisadas as diferenças entre as organizações e os obstáculos à comunicação dos atores.

Tabela 6 – Aspectos da dimensão estrutural do capital social

	Discorda	Neutro	Concorda
As diferenças existentes entre as organizações não prejudicam a rede	11%	-	89%
Não há obstáculos à comunicação da organização que represento com os demais atores da rede	11%	11%	78%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Apesar dos índices mostrarem que existem diferenças no posicionamento de cada organização no âmbito da rede, 89% dos respondentes acreditam que esse fator não atrapalha o funcionamento da rede. A Tabela 6 também mostra que 78 % deles creem que a estrutura formada pela rede não impõe obstáculos à comunicação entre as organizações.

Para compreender a dinâmica da rede, é importante considerar que os atores e seus relacionamentos têm características particulares, algo que pode ser avaliado com a dimensão relacional do capital social (NAHAPIET; GHOSAL, 1998). Conforme afirmam Faccin, Macke e Genari (2013), essa dimensão também pode ser percebida pela identificação social, pelo respeito, pela confiança e pela colaboração entre os atores. Por isso, como mostra a Tabela 7, colocou-se em pauta nos formulários questões como a reciprocidade, a mobilização coletiva, a amizade e a cooperação.

Tabela 7 – Aspectos da dimensão relacional do capital social da rede

	Discorda	Neutro	Concorda
Os atores de rede sempre dividem as informações com os demais	11%	11%	78%
A rede organiza atividades coletivas e eventos	11%	-	89%
Dentro da rede, os atores pensam e agem de acordo com os interesses de todos	22%	22%	56%
Considero os atores da rede como meus amigos	-	11%	89%
Participo da rede porque concordo com o objetivo pela qual a mesma foi criada	-	11%	89 %
Os atores da rede buscam sempre colaborar entre si, com ideias, recursos e informações	11%	-	89%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

A avaliação que mais gerou discordância entre os respondentes foi a de que na rede, as organizações agem e pensam de acordo com o interesse dos demais atores. Mesmo havendo mais opiniões adversas nessa questão, 56% deles acreditaram que os interesses de todos são respeitados. Essa situação pode ser explicada pelo fato de que as organizações da rede representam diferentes segmentos da cacaucultura, e até mesmo quando se trata do cacau de qualidade os objetivos de cada um são distintos, uma vez que uns atuam no fomento da produção orgânica, outros na busca pelo registro da IG e outros na garantia de uma matéria-prima com sabor e aroma diferenciados, visando a produção de chocolates e subprodutos do cacau.

A questão referente à amizade entre os atores da rede teve 89% de concordância. Os agentes que responderam aos formulários explicaram que as relações de amizade foram construídas porque alguns atores conviveram em um mesmo contexto profissional e estudaram nas mesmas universidades no passado. Nesse aspecto, os respondentes também atribuíram importância aos trabalhos em rede no processo de fortalecimento da amizade.

Outra opinião compartilhada na rede é de que há um objetivo comum que mobiliza os atores. Do total dos respondentes, 89% afirmou participar da rede por acreditar no objetivo pelo qual ela foi criada. Esse mesmo percentual também acreditou que há reciprocidade na rede, já que as organizações colaboram entre si, seja com recursos, informações ou ideias. Seguindo a linha de pensamento de Putnam (2008), o capital social, traduzido em reciprocidade, pode proporcionar aos indivíduos de um grupo a economia do capital físico. Nesse caso, a reciprocidade também pode oferecer economias aos atores da rede, uma vez que melhorias no processo produtivo e o alcance de padrões de qualidade das amêndoas podem representar ganhos de produtividade e de valor do produto comercializado.

Um ponto observado durante a pesquisa de campo foi que constantemente são organizados encontros e eventos pelos atores de rede, e que essa mobilização gira em torno das atividades propostas pela Associação Cacau Sul Bahia, visando oferecer informação e capacitação aos produtores e organizações frente às possíveis adaptações que seriam necessárias para a obtenção da IG. Também foi constatado que esses eventos também envolviam o CIC, uma vez que a organização cedia um espaço físico em suas instalações para o acontecimento dos encontros. As questões levantadas sobre a dimensão relacional do capital social corroboram com essa observação, já que 89% dos respondentes concordaram que a rede organiza atividades coletivas.

Outro aspecto importante a ser analisado na rede é o entendimento comum daquilo que acontece por meio dos relacionamentos, o que gera um processo de comunicação em que

se compartilham uma linguagem própria (NAHAPIET; GHOSAL, 1998). Como mostram Faccin, Macke e Genari (2013), essa questão faz parte da dimensão cognitiva do capital social e por isso considerou-se válida sua análise.

Tabela 8 – Aspectos da dimensão cognitiva do capital social

	Discorda	Neutro	Concorda
A maioria dos atores conhece e concorda com o objetivo da rede	11%	-	89%
O objetivo da rede é claro, também para quem não participa da mesma	44%	56%	-
A maioria dos atores participa dos eventos propostos pela rede	-	-	100%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

A Tabela 8 mostra que há concordância absoluta de que a maioria dos atores participa dos eventos propostos pela rede. Esse fator prova que há um entendimento comum da importância dos encontros entre as organizações, e se isso acontece é porque de fato há uma troca de informações que gera resultados positivos aos envolvidos. Outra evidência que corrobora com essa informação é que apenas um dos respondentes não concorda que a maioria dos atores conhece e concorda com o objetivo da rede.

Apesar do entendimento comum das organizações sobre os objetivos da rede, os resultados da pesquisa mostram que não há concordância sobre o conhecimento dos objetivos da rede por parte de agentes externos a ela. Isso significa que a rede pode representar um grupo fechado, ou seja, é mais difícil ter acesso às informações compartilhadas caso um ator esteja em um ponto geodésicamente distante ou não faça parte da rede.

A análise das três dimensões do capital social permitiu notar que a estrutura da rede não impõe barreiras à comunicação e não acarreta situações de controle pelo uso do poder ou autoridade. Também foi possível observar que as diferenças entre as organizações não interferem no desempenho da rede, uma vez que os atores, tendo em vista seus grupos de representatividade, se mobilizam e interagem pela troca de informações e conhecimento, formando laços de amizade e confiança.

Por mais que os relacionamentos tenham particularidades, e nem sempre é possível atender ao interesse de todos, ainda mais em um contexto em que a qualidade do cacau é atribuída por diferentes aspectos, notou-se que as organizações cooperam entre si e dividem informações e ideias.

Nas situações que um número expressivo de grupos ou pessoas interage e se relaciona há tendência para a formação de uma linguagem comum ou do isolamento de um subgrupo com características semelhantes. Neste caso, as organizações acreditam que todos compartilham o entendimento do que é feito no contexto da rede, e por isso atuam para atingir um objetivo comum, que é fomentar a produção do cacau de qualidade na microrregião Ilhéus-Itabuna.

Em um contexto marcado pela heterogeneidade das organizações, em que cada ator tem um interesse individual, mas não deixam de compartilhar um objetivo comum, o capital social, traduzido nesse caso em confiança, amizade, reciprocidade, entre outras questões, se torna um recurso necessário e indispensável, seguindo a perspectiva de Coleman (1998). Percebe-se que o capital tem sido um resultado da organização dos atores em uma rede, como explicam Buciega e Esparcia (2013), mas pode-se dizer que as relações de amizade e proximidade dos agentes locais também contribuíram para o início dos trabalhos em rede.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da organização de agentes da cadeia produtiva do cacau de qualidade em uma rede interorganizacional e sua relação como o fortalecimento o capital social na microrregião Ilhéus-Itabuna aconteceu por meio do mapeamento dos relacionamentos estabelecidos, do uso de indicadores da rede e das organizações para caracterizar suas relações, e por fim, através de uma análise do capital social e suas dimensões.

Os resultados mostraram que a rede é dinâmica e representa uma fotografia do momento, mas pode evoluir de uma maneira diferente, na medida que não é possível criar padrões para os relacionamentos futuros, já que o elo de ligação dos atores tem como base a confiança e a amizade.

Por se tratar de uma rede informal, destaca-se a importância das relações de confiança e amizade, já que não há exigências contratuais para que os atores se reúnam e discutam os assuntos pendentes. A informalidade não se mostrou ser um obstáculo, uma vez que o índice de densidade da rede calculado com base na variável confiança comprova a presença da coesão na rede.

A informalidade também evidencia que não existem posições de hierarquia na rede, mas há casos em que atores controlam um maior fluxo de informações e são os alvos das relações de confiança, o que comprova a existência de situações em que algumas organizações concentram poder e influência.

A formalização da rede é uma questão que pode ser colocada em pauta pelos atores, porque a maioria deles são órgãos de representação e estão familiarizados com a burocracia exigida, como assembleias e conselhos, entre outros assuntos. A única controvérsia é que, apesar da rede trabalhar com assuntos ligados à governança da cadeia produtiva do cacau e do chocolate, como foi constatado na aplicação dos formulários e nas observações, as organizações atuam em diferentes frentes no âmbito desse cenário e, em alguns casos, como do Instituto Arapyáú, um mesmo ator fomenta ações em segmentos distintos, a exemplo da IG e da produção de chocolate.

Um ponto levantado por um dos respondentes é que a mobilização em torno da rede deveria culminar na criação de um Arranjo Produtivo Local (APL). Nesse sentido, a rede já apresenta características de um APL, como a dimensão territorial, diversidade dos setores e atividades, a geração de conhecimento e inovações por meio das interações e a governança exercida por um grupo de atores, como destacaram Cassiolato e Lastres (2001).

A diversidade das organizações já é uma realidade para a rede, porque estão envolvidas instituições de pesquisa, cooperativas, empresas, produtores de cacau, produtores de chocolate, órgãos do terceiro setor e de representação. Muitas desses atores atuam em nível regional e territorial, o que permite aumentar o alcance das informações e dos conhecimentos gerados pela rede como um todo.

Além disso, as inovações fomentadas pelos atores visam agregar maior valor às amêndoas de cacau, de forma a oferecer aos produtores mercados alternativos ao mercado de cacau vendido como *commodity*. Um exemplo disso são as regras para utilizar o selo de IP do Sul da Bahia, que determina como uma das exigências que as amêndoas fermentem por um tempo superior ao processo praticado pelos produtores de cacau convencional, fazendo com que a matéria-prima final tenha qualidade superior e consequentemente, maior valor de mercado.

É importante lembrar que a cadeia produtiva do cacau e do chocolate na microrregião Ilhéus-Itabuna tem respaldo tecnológico por meio da CEPLAC, Biofábrica e do CIC, acesso à capacitação profissional por meio de ações do SEBRAE, CIC, Associação Cacau Sul Bahia, FIEB, FAEB/SENAR e da Rede Povos da Mata, além de receber aporte do Instituto Arapyaú na articulação de diferentes projetos de desenvolvimento regional e territorial.

Outro fato que daria respaldo para a criação de um APL na região é a presença de diferentes instituições de ensino e pesquisa, como a UESC, a UFSB e o IFBaiano, contribuindo para capacitação profissional e intelectual da população, para o desenvolvimento de pesquisas, atividades de extensão e de novas tecnologias.

A instalação do Parque Tecnológico do Sul da Bahia também se configura em um cenário positivo para a criação de um APL, já que a iniciativa pode atrair novas empresas para a microrregião e fomentar o perfil empreendedor da população, seja por meio dos produtores de cacau, ou profissionais que atuam no setor.

Além de discutir a importância da criação de um APL do cacau e do chocolate, alguns respondentes levantaram a questão do fomento do turismo na região, assim como é feito no Vale dos Vinhedos no Rio Grande do Sul. Apesar de existirem fazendas e propriedades na região que pratiquem o turismo com foco na atividade cacauaieira, não há uma mobilização de abrangência territorial com a participação de diferentes atores atuando nesse sentido. O turismo também pode ser beneficiado pelo sistema de produção que caracteriza a microrregião Ilhéus-Itabuna, tendo em vista que o modelo de produção cacau-cabruca conserva a paisagem e a vegetação local, podendo atrair pessoas interessadas em conhecer a biodiversidade do Sul da Bahia.

O modelo de produção com base em sistemas agroflorestais, seja por exigência da Indicação de Procedência do Sul da Bahia ou não, é uma questão que pode atrair pesquisadores do campo das certificações, de cadeias produtivas sustentáveis, entre outros assuntos, fazendo da região uma referência no tema e fortalecendo a construção do conhecimento e de novas tecnologias.

Outro aspecto observado foi que existem na região diferentes perfis de produtores de cacau e de chocolate. Alguns deles possuem grandes propriedades, dispõem de capital financeiro próprio e contam menos com o aporte de outras organizações, seja em termos de capacitação profissional ou tecnológica. Por outro lado, existem produtores organizados em assentamentos rurais, com menor aporte financeiro, mas que também produzem chocolate e matéria-prima com qualidade superior.

A presente dissertação permitiu que a análise de uma rede interorganizacional levantasse diferentes questões sobre a cadeia produtiva do cacau e do chocolate na microrregião Ilhéus-Itabuna. Dessa maneira, estudos futuros podem responder problemas identificados em diferentes pontos, seja por meio da escola da economia, da administração, sociologia, das escolas da engenharia, ou combinando diferentes linhas de pensamento e configurando em um trabalho interdisciplinar.

No âmbito acadêmico, a presente dissertação fortalece o campo de estudos sobre o agronegócio, contribuindo para as análises dos Sistemas Agroindustriais (SAGs) por meio de uma perspectiva que utiliza da abordagem da análise de redes sociais (ARS) em conjunto com a teoria do capital social. Nesse contexto, a dissertação, por fazer parte dos projetos de pesquisa representados pelos processos 2014/14135-8 da FAPESP e 448771/2014-4 do CNPq, oferece um novo olhar para os temas governança, sustentabilidade e inovação social na cadeia produtiva do cacau certificado.

Os resultados da pesquisa, se apresentada aos atores locais, demonstrarão em quais aspectos eles têm sido relevantes para a cadeia produtiva do cacau de qualidade e para o desenvolvimento da microrregião. Além disso, as organizações, partindo dos resultados discutidos, podem fomentar ações com base em seus pontos mais fortes e mais fracos do capital social, visando fortalecer ainda mais as relações existentes e ampliar o alcance das interações com agentes externos à rede.

Referências

ABAG – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO. **Fórum do cacau**. 2016. Disponível em : < <http://www.abag.com.br/eventos/interna/abag-forum-cacau>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 149 p.

ABREU, R.L. de. **Mapa da microrregião Ilhéus-Itabuna**. 2006. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bahia_Micro_IlheusItabuna.svg>. Acesso em 28 jul. 2017.

ADLER, P.S.; KWON, S.W. Social capital: prospects for a new concept. **The Academy of Management Review**, v. 27, n. 1, p. 17 – 40, jan. 2002.

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia**: chão de cacau (uma civilização regional). 3. ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2007. 128 p.

AHUJA, G.; SODA, G.; ZAHEER, A. The genesis and dynamics of organizational networks. **Organization Science**, Catonsville, v. 23, n. 2, p. 434 – 448, mar./abr. 2012.

ALMEIDA, J.C. de; PINTO, E.V.; MOURA, L.T.; GUISSO, L.F. Relatos da saga do cacau no Sul da Bahia – o outro lado da história: coronéis, o estado e a monocultura do cacau. **C&D – Revista Eletrônica da FAINOR**, Vitória da Conquista, v.6, n.2, p.74-111, jul./dez. 2013.

BALASTRIN, A.; VARGAS, L.M. A dimensão estratégica de redes horizontais de PMEs: teorizações e evidências. **RAC**, v. 8, edição especial, p. 203 – 227, 2004.

BAQUERO, R.; HAMMES, L.J. Educação de jovens e construção de capital social: que saberes são necessários? In: BAQUERO, M.; CREMONESE, D. (Orgs.). **Capital social: teoria e prática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. p. 141 – 158.

BARRA, G.M.J.; LADEIRA, M.B. Teorias institucionais ligadas aos estudos de sistemas agroindustriais no contexto do agronegócio do café: uma análise conceitual. **REGE**, São Paulo, v. 23, p. 159 -171, 2016.

BARRIENTOS, S.; OSENSO-AKYER, K. Cocoa value chain: challenges facing Ghana in a changing global confectionary market. **Journal Für Entwicklungspolitik**, v. 15, n. 2, p. 88-107, 2009.

BASTIAN, L.; SCHNEIDER, S.; RAMBO, A.G.; KRONE, E.E.; OLIVEIRA, C.D. Desenvolvimento e território: o Índice de Condições de Vida (ICV) do território rural Zona Sul do Rio Grande do Sul. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 37, n.3, p. 643 – 672, dez. 2016.

BATALHA, M.O.; SILVA, A.L. da. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas. In: BATALHA, M.O. (Coord.). **Gestão Agroindustrial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 770 p.

BATT, P.J. Building social capital in networks. **Industrial Marketing Management**, v. 37, n.5, p. 487-491, jul. 2008.

BERNARDO, C.H.C; SATOLO, E.G. **Diagrama para estruturação do método científico**. Material disponibilizado na disciplina “Metodologia da pesquisa”. Tupã: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Engenharia, 2016.

BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. **Ucinet for Windows: Software for Social Network Analysis (software)**. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.

BRASIL. Lei 9.279, de 14 de maio de 1996. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9279.htm>. Acesso em: 22 abr. 2017.

BRASIL, MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Instrução Normativa nº 38 de 24 de junho de 2008. Regulamento Técnico da Amêndoa de Cacau. Brasília, 24 jun. 2008. Seção 1.

_____. Instrução Normativa nº 57 de 13 de novembro de 2008. Retifica e altera incisos dos artigos da Instrução Normativa nº 38 de 24 de junho de 2008. Brasília, 13 nov. 2008. Seção 1.

_____. Regularização da Produção Orgânica. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/regularizacao-da-producao>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

BRASIL, SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Cacau da Bahia: 70% da produção nacional. 2017. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/cacau-da-bahia-70-da-produ%C3%A7%C3%A3o-nacional>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

BUCIEGA, A.; ESPARCIA, J. Desarrollo, Territorio y Capital Social: Un análisis a partir de dinámicas relacionales en el desarrollo rural. **REDES - Revista hispana para el análisis de redes sociales**, v. 24, n.1, jun. 2013.

BURT, R.S. The contingent value of capital social. **Administrative Sciece Quarterly**. v. 42, n.2, Michigan, p. 339 – 365, 1997.

CALDAS, M.M.; PERZ, S. Agro-terrorism? The causes and consequences of the appearance of witch's broom disease in cocoa plantations of southern Bahia, Brazil. **Geoforum**, v. 47, p. 147 – 157, jan. 2013.

CEPLAC – COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA. **Cacau: história e evolução**. Disponível em: < http://www.ceplac.gov.br/radar/radar_cacau.htm>. Acesso em: 28 jul. 2017a.

_____. **A CEPLAC**. Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/paginas/ceplac/ceplac.asp>>. Acesso em: 28 jul. 2017b.

_____. **Vassoura-de-bruxa**. Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/radar/vassoura-de-bruxa.htm>>. Acesso em: 12 mai. 2017c.

_____. **Superintendência de Desenvolvimento da Região Cacaueira do Estado da Bahia**. Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/paginas/SUEBA/SUEBA.asp>> Acesso em: 22 dez. 2017c.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. Arranjos e Sistemas Produtivos Locais na Indústria Brasileira. **Revista de Economia Contemporânea**. UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

COLEMAN, J.S. Social capital in the creation of human capital. **The American Journal of Sociology**, v. 94, 1988.

CONEJERO, M.; PONCE, R. Cacaucultura: Renascimento da cadeia produtiva. **Agroanalysis**, São Paulo, v. 32, n. 9, p. 23-24, set. 2012.

COUTO, V.A. O território do cacau no contexto da mundialização. **Análise & Dados**, Salvador, v.9, n. 4, p. 38 – 52, mar. 2000.

COUTO FILHO, V.A. Os “novos rurais” baianos. In: CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. (Org.). **O novo rural brasileiro**: uma análise estadual - nordeste. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2000. v. 2. 156p.

CROSS, R.; PARKER, A.; PRUSAK, L.; BORGATTI, S.P. Knowing What we know: Supporting Knowledge Creation in Social Networks. **Organizational Dynamics**, v. 30, n. 2, p. 100 – 120, 2001.

CROSS, R.; CUMMINGS, J. Tie and Networks Correlates of Individual Performance in Knowledge-Intensive Work. **Academy of Management Journal**, n. 47, p. 928-937, 2004.

CROSS, R.; THOMAS, R.J. **Redes sociais**: como empresários e executivos de vanguarda as utilizam para a obtenção de resultados. São Paulo: Gente, 2009. 256 p.

D'ARAÚJO, M.C. **Capital social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 2. ed. 68 p.

DEL RÉ, M.; RAMBO, A.G.; SCHNEIDER, S. As representações sociais nas dinâmicas territoriais do desenvolvimento rural: considerações sobre o Território Zona Sul do Rio Grande do Sul. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 25, n.1, p. 57 – 82, fev./mai. 2017.

DENGO. **Quem somos**. Disponível em: <[http://www.dengo.com/quem-somos#/>](http://www.dengo.com/quem-somos#/). Acesso em: 22 dez. 2017.

ESTIVAL, Katianny Gomes Santana. **Construção social do mercado de qualidade do cacau no Brasil**. 2013. 320 p. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Centro de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2013.

ESTIVAL, K.G.S.; TEIXEIRA, L.R.; TEOTONIO, A.N.A.; CORREA, S.R.S. Da Política dos Coronéis do Cacau aos Espaços de Participação de Política: Um Estudo de Caso da Câmara Setorial do Cacau no Brasil. **Rev. Cien. Gerenc.**, v. 18, n. 27, p. 43-52, 2014.

ESTIVAL, K.G.S.; LAGINESTRA, A.M. A construção dos mercados de qualidade do cacau no Brasil. In: Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 11., 2015, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: FIRJAN, 2015. Disponível em: <http://www.inovarse.org/sites/default/files/T_15_144_9.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2017.

EVERETT, M. G.; BORGATTI, S. P. Extending Centrality In: CARRINGTON, P.; SCOTT, J.; WASSERMAN, S. (Orgs.). **Models and Methods in Social Network Analysis**. New York: Cambridge Press, 2005.

FACCIN, K; MACKE, J.; GENARI, D. Mensuração do capital social nas redes colaborativas vitivinícolas da Serra Gaúcha. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 20, n. 65, p. 303-320, jun. 2013.

FACCIN, K. GENARI, D.; MACKE, J. Capital social e competitividade: um estudo comparativo entre duas redes vitivinícolas brasileiras. **Global Manager**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 111-131, 2014.

FALK, I.; KILPATRICK, S. What is Social Capital? A Study of Interaction in a Rural Community. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 1, p. 87 – 110, jan. 2000.

FAOSTAT – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF UNITED NATIONS, STATISTICS DIVISION. **Crops**. 2017a. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

_____. **Compare Data**. 2017b. Disponível em: < <http://www.fao.org/faostat/en/#compare>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

FERREIRA, G.M.V.; ENDE, M.V.; ROSSÉS, G.F.; MADRUGA, L.R.R.G.; MARÇAL, D.R. Redes sociais e economia solidária: uma análise das redes de relacionamento dos pequenos produtores rurais participantes do Projeto Esperança/Cooesperança. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, v. 7, n. 1, p. 151 – 171, jan./abr. 2014.

FERREIRA, A.C.R.; SANT'ANA, C.S. **Guia da Indicação Geográfica Sul da Bahia**. Ilhéus: PTCSB, 2017.

FREEMAN, L.C. Centrality in social networks: conceptual clarification. **Social Networks**, v.1, n.3, p. 215 – 239, 1979.

FONTES, M.J.V. **Do Cacau ao Chocolate**: trajetória, inovações e perspectivas das pequenas agroindústrias de cacau/chocolate. 2013. 200 p. Tese (Doutorado) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciencias Humanas e Sociais, RJ, 2013.

FÓRUM DO CACAU. **Indicação Geográfica do Sul da Bahia**. Disponível em: <<http://forumdocacau.com.br/indicacao-geografica-do-cacau-do-sul-da-bahia/>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

FUNBIO. **Quem somos**. Disponível em: <<https://www.funbio.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

GENARI, D. **Mensuração do capital social e comprometimento nas indústrias vitivinícolas do vale dos vinhedos associadas à Aprovele e à Aprobello**: uma abordagem organizacional. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, 2010.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GONZALEZ, A.D.F.; VITAL, A.V.D.; LIMA, J.M.; RODRIGUES, M.B.S. Desenvolvimento sustentável para o resgate da cultura do cacau baseado no aproveitamento de resíduos. **Interfaces Científicas – Saúde e Ambiente**, Aracaju, v.1, n.2, p. 41 – 52, fev. 2013.

GRANDORI, A.; SODA, G. Inter-firm Networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organizations Studies**, v. 16, n. 2, mar. 1995.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE Eletrônica**, São Paulo, v. 6, n. 1, art. 9, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S1676-56482007000100010.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2017.

_____. The strenght of weak ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, p. 1360 – 1380, 1973.

GRYNSZPAN, M. Origens e conexões norte-americanas do agribusiness no Brasil. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 9, n. 17, p. 123-148, jan./jun. 2012.

GUANZIROLI, C.E. Desenvolvimento territorial rural no Brasil: uma polêmica. In: FROEHLICH, J.M. (Org.) **Desenvolvimento territorial**: produção, identidade e consumo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. 424 p.

HANSEN, B.E. Test of linearity. **Journal of Economic Surveys**, v. 13, n. 5, p. 551 – 576, 1999.

HENNENBERG, S.C.; SWART, J.; NAUDÉ, P.; ZIANG, P.N.Z.; MOUZAS, S. Mobilizing ideas in knowledge networks: A social networks analysis of the human resource management community 1990 – 2005. **The Learning Organization**, v. 16, n. 6, p. 443 – 459, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 82 p. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/>.

ICCO - INTERNATIONAL COCA ORGANIZATION. **Production of cocoa beans**. 2017a. Disponível em: <https://www.icco.org/about-us/international-cocoa-agreements/cat_view/30-related-documents/46-statistics-production.html>. Acesso em: 28 jul. 2017.

_____. **Grindings of coca beans**. 2017b. Disponível em: <https://www.icco.org/about-us/international-cocoa-agreements/cat_view/30-related-documents/48-statistics-grindings.html>. Acesso em: 28 jul. 2017.

_____. **Chocolate Industry**. 2017c. Disponível em: <<https://www.icco.org/about-cocoa/chocolate-industry.html>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

IFBAIANO. **Cursos**. Disponível em: <<http://www.ifbaiano.edu.br/unidades/urucuca/diretoria-academica/cursos/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

INPI – INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL. **Pedidos de indicação geográfica concedidos e em andamento**. 2017. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/menu-servicos/indicacao-geografica/pedidos-de-indicacao-geografica-no-brasil>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicações ao caso brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 229 p.

LAZZARINI, S.G.; CHADDAD, F.R.; COOK, M.L. Integrating supply chain and network analyses: The study of netchains. **Chain and Network Science**, v. 1, n. 1, p. 7 – 22, 2001.

LAZZARINI, S.G. **Empresas em rede**. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 86 p.

LEITER, J.; HARDING, S. Trinidad, Brazil and Gana: three melting moments in the history of cocoa. **Journal of Rural Studies**, v. 20, n. 1, p. 113-130, jan. 2004.

LOBÃO, D.E. **CACAU-CABRUCÁ** – um modelo sustentável de agricultura tropical. Disponível em: <http://www.ceplac.gov.br/radar/sistema_agro.htm>. Acesso em: 22 abr. 2017.

LOPES JÚNIOR, E. As potencialidades analíticas da Nova Sociologia Econômica. **Sociedade e Estado**, v. 17, n. 1, Brasília, p. 39 – 62, jan./jun. 2002.

MARCONI; M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297 p.

MACIEL, C.O.; CASTRO, M. de. Configurações reticulares e inovações: reflexões acerca de padrões estruturais distintos. **REBRAE Revista Brasileira de Estratégia**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 71 – 85, jan./abr. 2010.

MARTELETO; R.M.; SILVA, A.B.O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 41 -49, set./dez. 2004.

MARTES, A. C. B.; BULGACOV, S.; NASCIMENTO, M.R. do; GONÇALVES, S.A; AUGUSTO, P.M. Fórum — redes sociais e interorganizacionais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 10-15, 2006.

MARTINS, R.A. Abordagens quantitativa e qualitativa. In: MIGUEL, P.A.M (Org.). **Metodologia de pesquisa em engenharia de produção e gestão de operações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010, pp.45-61.

MEDEIROS, M.L.; LANNES, S.C. da S. Propriedades físicas dos substitutos do cacau. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, Campinas, v.30, suppl. 1, p. 243-253, 2010.

MERCADO DO CACAU. **Produtores celebram Indicação Geográfica do Sul da Bahia**. Disponível em: <<http://mercadodocacau.com/artigo/produtores-celebram-indicacao-geografica-do-cacau-sul-da-bahia>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

MOLINA, J.L. La ciencia de las redes. **Apuntes de Ciencia y Tecnología**, n. 11, p. 36-42, jun. 2004.

MOLLO NETO, M. Análise de redes. In: REIS, J.G.M dos; MOLLO NETO, M.; VENDRAMETTO, O.; COSTA NETO, P.L.O. **Qualidade em redes de suprimento: qualidade aplicada ao Supply Chain Management**. São Paulo: Atlas, 2015. pp. 59-139.

MONTE, L.F.O.; AMIN, M.M. Análise da volatilidade do preço do cacau no mercado de futuros de Nova York (CSCE): uma aplicação do modelo de Garch. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 44, 2006, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: UFC, 2006. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/5/1059.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

_____. O impacto da especulação na volatilidade dos preços do cacau no mercado futuro de Nova York (CSCE): uma aplicação dos modelos de Garch. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 45, 2007, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 2007. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/208.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

MORORÓ, R.A. Aproveitamento dos subprodutos, derivados e resíduos do cacau. In: III Congresso Brasileiro do Cacau, 2012. **Anais...** Ilhéus, 2012. Disponível em: <http://www.ceplac.gov.br/paginas/cbc/paginas/palestras/P7_3.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2017.

NAHAPIET, J; GHOSHAL, S. Social capital, intellectual capital, and the organizational advantage. **The Academy of Management Review**, v. 23, n. 2, pp. 242-266, abr. 1998. NUHOFF-ISAKHANYAN, G.; WUBBEN, E.F.M; OMTA, O.S.W.F.; PASCUCCI, S. Network structure in sustainable agro-industrial parks. **Journal of Clear Production**, v. 141, p. 1209 -1220, jan. 2017.

OECD – ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT. **The well-being of nations: the role of human and social capital**. Paris: OECD, 2001. 120 p.

OLAVE, M.E.L.; AMATO NETO, J. Redes de cooperação produtiva: uma estratégia e competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas. **Gestão & Produção**, São Carlos, v.8, n.3, p.289-303, dez. 2001.

O NÓ: Ato humano deliberado. Direção: Dilson Araújo. [S.I.]: Produção independente, 2012. 71 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_0mPiYocm-4>. Acesso em: 04 abr. 2017.

PATIAS, T.Z.; MARCO, D. de; WITTMANN, M.L.; XAVIER, T.R. Análise do capital social no Arranjo Produtivo Local do leite de Santana do Livramento-RS. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 13, n. 30, p. 175-202, jan. 2015.

PINTO, A. M. G.; JUNQUEIRA, L. A. P. Relações de poder em uma rede do terceiro setor: um estudo de caso. **Revista de Administração Pública**, v.43, n.5, p.1091 – 1116, 2009.

Pereira, M. C., Barra, G. M. J., Santos, A.C. dos, Silva, P. J. da. **Contribuições e limitações do novo institucionalismo sociológico para a análise das redes organizacionais**. In: ENCONTROS DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 2006, Porto Alegre, RS. Anais: ENEO, 2006.

POTTS, J.; LYNCH, M.; WILKINGS, A.; HUPPÉ, G.; CUNNINGHAM, M.; VOORA, V. **The state of sustainability initiatives review: standards and the green economy**. Int. Inst.

For Sust. Dev. (IISD), 2014. Disponível em: <
http://www.iisd.org/sites/default/files/pdf/2014/ssi_2014.pdf#page=130>. Acesso em 02 jun.
 2017.

PUTNAM, R.D. **Cidadania e democracia**: a experiência da Itália moderna. 4. ed. São Paulo:
 Editora da FGV, 2008. 258 p.

REAGANS, R.; MCEMILY, B. Network structure and knowledge transfer: the effects of
 cohesion and range. **Administrative Science Quarterly**, v. 48, n. 2, jun. 2003, p. 240-267.

ROCHA, L.B. **A região cacaueira da Bahia – Dos Coronéis à Vassoura-de-bruxa**: saga,
 percepção, representação. Editora da UESC: Ilhéus, 2008. 258 p.

ROSÁRIO, M.; PERRUCHO, T.; FOWLER, R.L.; SALES, J.C. de. **Cacau**: História e
 Evolução no Brasil e no Mundo. CEPLAC: Ilhéus, 1978. 51 p.

SAES, M.S.M; SILVEIRA, R.L.F. da. Novas formas de organização das cadeias agrícolas
 brasileiras – Tendências recentes. In: BUAINAIN, A.M.; ALVES, E.; SILVEIRA, J.M. da;
 NAVARRO, Z. (Ed. Técn.). **O mundo rural no Brasil do século 21 – A formação de um
 novo padrão agrário e agrícola**. Embrapa: Brasília, 2014. p. 295 - 317.

SCHAEFER, D.R.; KORNIENKO, O. Building cohesion in positively connected exchange
 networks. **Social Psychology Quarterly**, v.72, n.4, p. 384 – 402, dez. 2009.

SEGUNDO, G.S.A.; GOULART, L.A.; SILVA JUNIOR, M.F. da S.; UETANABARO,
 A.P.T. O cacau da região Sul da Bahia e a perspectiva histórica de uma Indicação Geográfica.
Cad. Prospec., Salvador, v.7, n. 4, p. 632 – 639, out./dez. 2014.

SERRA, M.; MARINHO, P.L. Crescimento X Desenvolvimento Regional Endógeno: Uma
 Análise da Região Cacaueira Baiana, 1960-1980. **Revista de Desenvolvimento Econômico**,
 Salvador, v. 9, n. 15, p. 28 – 40, jan. 2007.

SIDRA - SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. 2017a. **Tabela 1613 –
 Área destinada a colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e
 valor da produção das lavouras permanentes**. Disponível em:
 <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

_____. 2017b. **Tabela 793 – População residente**. Disponível em:
 <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/793#resultado>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

_____. 2017c. **Tabela 1301 – Área e densidade demográfica da unidade territorial.** Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1301#resultado>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SILVA, A.F.; FACHINELLO, A.L.; BOTEON, M.; JULIÃO, L.; POZELLI, R. Cadeia produtiva do cacau e chocolate: perfil e desafios. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 53., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/br/documentos/texto/cadeia-produtiva-do-cacau-e-chocolate-perfil-e-desafios-artigo-publicado-no-53-congresso-da-sober-2015.aspx>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

SOUZA, J.P. de; AVELHAN, B.L. Aspectos conceituais relacionados à análise de sistemas agroindustriais. **Caderno de Administração**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 47-62, 2009.

SNA – SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA. **Setor produtivo do cacau quer dobrar produção de amêndoas em 10 anos**. 2016. Disponível em: < <http://sna.agr.br/setor-produtivo-do-cacau-quer-dobrar-producao-de-amendoas-em-10-anos/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

TABÔA. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.taboa.org.br/index.php/a-taboa/quem-somos>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

TARTARUGA, I.G.P. O conceito de território para análise do desenvolvimento rural. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 43., 2005, Londrina. **Anais eletrônicos...** Ribeirão Preto: USP, 2005. Disponível em: < <http://www.sober.org.br/palestra/2/999.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

TEIA DOS POVOS. **A teia**. Disponível em: <<http://teiadospovos.redelivre.org.br/a-teia/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

TEIXEIRA, M. **Brazil cocoa output to recover in 2016/17, industry eyes expansion**. Reuters, São Paulo, 28. nov. 2016. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/brazil-cocoa-outlook-idUSL8N1DQ46D>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

TERLUIN, I.D. Differences in economic development in rural regions of advanced countries: an overview and critical analysis of theories. **Journal of Rural Studies**, v. 19, n.3, p. 327 – 344, jul. 2003.

TOIGO, C.H.; CONTERATO, M.A.; WAQUIL, P.D. Domicílios rurais no Território Zona Sul: condições de vida e percepções. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, fev./mai. 2017.

UNCTAD - UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **Cocoa Study**: Industry Structures and Competition. New York: UNCTAD, 2008. 62p. Disponível em: < http://unctad.org/en/Docs/ditccom20081_en.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2017.

VALLEJOS, R. V.; MACKE, J.; OLEA, P. M.; TOSS, E. Collaborative networks and social capital: a theoretical and practical convergence. In: IFIP TC 5 WG 5.5 Ninth Working Conference on Virtual Enterprises. POZNAN, P. (Org.). **Pervasive Collaborative Networks**, Boston, v. 283, p. 43-52, 2008.

VEGRO, C.L.R.; ASSUMPÇÃO, R. de; SILVA, J.R. da. Aspectos socioeconômicos da cadeia de produção da amêndoa de cacau no eixo paraense da transamazônica. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 44, n.4, p. 57 – 72, jul./ago. 2014.

VEIGA, J.E. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2003. 304 p.

VILELAS, J. **Investigação**: o processo de construção do conhecimento. Lisboa: Edições Sílabo, 2017. 400 p.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis**: methods and applications. New York: Cambridge University Press, 1997. 825 p.

WILKINSON, J. Sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: "inputs" para analisar os micro e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 805-823, 2002.

ZYLBERSTAJN, D. **Estruturas de Governança e Coordenação do Agribusiness**: Uma Aplicação da Nova Economia das Instituições. 1995. 239 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1995.

_____. Conceitos Gerais, Evolução e Apresentação do Sistema Agroindustrial. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M.F. (Org.). **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 1-22.

Análise do Capital Social

Dimensão relacional	Discordo (1)	Neutro (2)	Concordo (3)
1. As diferenças existentes entre as organizações e instituições não prejudicam a rede.			
2. Dentro da rede, os integrantes pensam e agem de acordo com os interesses de todos.			
3. Os integrantes da rede buscam sempre colaborar entre si, através de ideias, recursos e informações.			
Dimensão Estrutural	Discordo (1)	Neutro (2)	Concordo (3)
4. Os integrantes da rede sempre dividem as informações com os demais			
5. A rede organiza atividades coletivas com nossos parceiros: treinamentos, feiras e eventos, em geral na sociedade local.			
6. Não há obstáculos à comunicação entre minha propriedade e os parceiros da rede na troca de conhecimentos profissionais.			
7. Considero os integrantes da rede como meus amigos			
8. Participo da rede porque concordo com o objetivo pelo qual a mesma foi criada.			
Dimensão cognitiva	Discordo (1)	Neutro (2)	Concordo (3)
9. A maioria dos integrantes conhece e concorda com o objetivo da rede			
10. O objetivo da rede é claro, também, para quem não participa da mesma.			
11. A maioria dos membros da rede participa dos eventos propostos pela mesma (reuniões, feiras, palestras, seminários, viagens etc.).			